



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ÍTALA DIAS GOMES

**REVITALIZAÇÃO DO MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ:
ATRAVÉS DE GESTÃO CULTURAL**

Macapá – AP

2017

ÍTALA DIAS GOMES

**REVITALIZAÇÃO DO MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ:
ATRAVÉS DE GESTÃO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Mestre Elizeu Corrêa dos Santos.

Macapá – AP

2017

ÍTALA DIAS GOMES

**REVITALIZAÇÃO DO MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ:
ATRAVÉS DE GESTÃO CULTURAL**

Esta monografia foi julgada adequada pela banca examinadora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof^o. Elizeu Corrêa dos Santos, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Mestre Elizeu Corrêa dos Santos

Prof^o Membro:

Prof^a Membro:

Macapá, ____ de _____ de 2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus, por todas as conquistas em minha vida, por me lembrar de que sou mais forte do que penso e por seu infinito amor e misericórdia. Aos meus pais, Iêda Maria e Sergio Luiz por todo incentivo, apoio e por todo o sacrifício que fizeram para que eu pudesse realizar este sonho. Eu amo vocês mais que tudo!

A minha irmã Iasmim Dias e minha prima/irmã Maíra Dias por todo o amor, preocupação, zelo e ajuda durante essa caminhada;

A minha amada família pelas orações, conselhos e incentivo para que eu não desistisse;

Ao meu namorado Alex Ferreira pela paciência, cuidado e todo apoio durante essa reta final;

Aos meus colegas de curso pelo companheirismo, dedicação e responsabilidade nas longas horas de trabalho acadêmico;

Aos amigos que conquistei e aos velhos amigos a compreensão pela ausência nos momentos de estudo;

Aos professores que foram verdadeiros mestres durante esses anos, em especial ao meu orientador Elizeu Corrêa;

E a todos que, de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

*“A gente tem que sonhar, senão as coisas
não acontecem.”*

Oscar Niemeyer

RESUMO

As propostas a seguir têm por objetivo apresentar todos os aspectos iniciais para o desenvolvimento de um projeto de revitalização através de gestão cultural no Mercado Central de Macapá. O crescimento desenfreado e a ocupação desordenada, ligado a falta de infraestrutura e políticas de preservação de bens históricos e culturais para a cidade de Macapá, ocasionaram danos à estrutura e entrono da edificação. Apesar da existência de planos urbanísticos competentes, na época de urbanização de Macapá, a falta de recursos e postura dos gestores impediu a execução dos mesmos. Estudos realizados por meio de análise de documentos como o dossiê de inventários do IPHAN e o plano diretor de Macapá, entrevistas e levantamento fotográfico formaram a base para elaboração de uma proposta seguindo todas as normas e adequações necessárias para o andamento do projeto. Por fim, são apresentadas soluções possíveis para a recuperação do objeto em estudo.

Palavras-chave: Mercado Central, Patrimônio, cultural.

ABSTRACT

The following proposals aim to present all the initial aspects for the development of a revitalization project through cultural management in the Macapá Central Market. Rampant growth and disorderly occupation, coupled with the lack of infrastructure and policies for preserving historic and cultural assets for the city of Macapá, have caused damage to the structure and environment of the building. Despite the existence of competent urban plans, at the time of urbanization of Macapá, the lack of resources and posture of the managers prevented their execution. Studies carried out by analyzing documents such as the inventory dossier of IPHAN and the master plan of Macapá, interviews and photographic survey formed the basis for elaboration of a proposal following all the norms and adaptations necessary for the progress of the project. Finally, possible solutions are presented for the recovery of the object being studied.

Keywords: Central Market, Heritage, cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fortaleza de São José de Macapá.....	17
Figura 2 – Pintura Corporal Tribo Wijãpi.....	17
Figura 3 – Estudo da fachada principal.....	20
Figura 4 – Mercado Ver-o-Peso.....	23
Figura 5 – Mercado Municipal de Florianópolis.....	25
Figura 6 – Mercado Central de Macapá em construção, 1950.....	27
Figura 7 – Localização do lote	28
Figura 8 – Mercado Central, 1960.....	29
Figura 9 – Fachada Principal do Mercado, 2015.....	31
Figura 10 – Clip Bar, década de 60.....	32
Figura 11 – Bar du Pedro, década de 60.....	33
Figura 12 – Espaço interno do bar du Pedro, 2015.....	34
Figura 13– Mapa da malha urbana do entorno do Mercado Central.....	35
Figura 14 – Mapa de setorização do entorno do Mercado Central.....	37
Figura15 – Mapa de delimitação de impacto no entorno da Fortaleza de São José.....	39
Figura 16 – Espaço interno do Mercado Central, 2015.....	40
Figura17 – Espaço externo do projeto de reestruturação executado atualmente.....	41
Figura 18 – Espaço interno do projeto de reestruturação executado atualmente.....	43
Figura 19 – Partido geral.....	47
Figura 20 – Setorização espaço atual.....	48

Figura 21 – Setorização Proposta.....	49
Figura 22 – Fluxograma Proposta.....	50
Figura 23 – Implantação no lote.....	51
Figura 24 – Mercado do Pescado Igarapé das Mulheres.....	53
Figura 25 – Prédio Araras Center.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.2 Aspectos Conceituais	11
1.1.1 Patrimônio.....	11
1.1.2 <i>Art decó</i>	18
1.1.3 Mercados Central e Municipal.....	20
1.1.3.1 Exemplos de Mercados.....	22
1.1.3.1.1 <i>Mercado ver-o-peso</i>	22
1.1.3.1.2 Mercado Municipal de Florianópolis.....	24
2 MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ	23
2.2 Eixo em Estudo	26
2.3 Caracterização da Área em estudo	29
3 GESTÃO CULTURAL	43
3.1 Conceito	43
3.2 Implementação	44
4 PROPOSTA ARQUITETÔNICA	47
4.1 Diagnóstico da Área	47
4.2 Solução Arquitetônica	48
4.2.1 Descrição dos Ambientes.....	52
4.3 Remanejamento	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES	60
APÊNDICE A – Tabela de pré-dimensionamento	61
APÊNDICE B – Tabela de especificações de mobiliário urbano	62
APÊNDICE C – Memorial Descritivo	66
APÊNDICE D – Questionário	72

Apêndices Projetos	74
---------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como tema principal uma proposta de revitalização através de gestão cultural, especificamente no Mercado Central de Macapá e a praça que o cerca, tratando de um estudo consideravelmente importante para a cidade de Macapá pelo fato de o local representar um bem histórico e cultural para a população.

Frente à deficiência na estrutura do mercado e falta de espaços que estimulam a cultura regional, em um local onde as pessoas possam estar mais próximas da história e cultura macapaense e ao mesmo tempo, usufruir deste ambiente de forma confortável, surge o seguinte questionamento: Qual a importância de desenvolver um projeto de revitalização através de gestão cultural para o Mercado Central de Macapá?

A temática foi definida devido à necessidade de preservação da edificação como bem material histórico e desenvolvimento de uma gestão que promova e fomente a cultura da região, por meio de venda de produtos regionais, comidas típicas, eventos e expressões artísticas, de forma que o visitante se sinta a par sobre o que o local representa de uma forma agradável e de simples acesso.

O projeto tem como intuito teórico expor a importância da preservação do bem patrimonial histórico e cultural relacionado diretamente com os habitantes da localidade, não se limitando apenas ao projeto estético e paisagístico da edificação.

Para a revitalização do espaço externo que envolve o mercado, é conduzida uma sugestão de projeto para praças públicas e áreas de convivência, que abrange paisagismo, mobiliário urbano adequado, espaço para eventos, estacionamento, feira livre, iluminação e estrutura cabível de forma a gerar simetria com a construção, assim, compondo um conjunto harmonioso entre ambos.

Em relação à edificação, a proposta tem como objetivo a reorganização dos espaços, apresentando soluções adequadas para abrigar os ambientes definidos para o perfil de projeto que foi traçado como lanchonetes, restaurantes, memorial, lojas, administração, recepção, praça de alimentação e serviços necessários além dos estabelecimentos tradicionais do local que serão mantidos.

O significado que esse projeto representa se comprova através dos estudos bibliográficos, levantamento da edificação e entrevistas realizadas com trabalhadores e pessoas que fazem parte da história e cotidiano do mercado.

A importância da inclusão cultural é substancial para que a população que habita Macapá conheça sua história, valorizando e preservando seus bens para o conhecimento dos que estão presentes e gerações futuras.

Em virtude do tipo de trabalho, foi utilizado o método hipotético dedutivo realizado por meio de entrevistas com pessoas que possuem conhecimento relacionado ao histórico do local, levantamento bibliográfico, descrevendo o estilo arquitetônico do mercado, onde ele se limita nas legislações e se enquadra em termos patrimoniais, finalizando esta etapa com pesquisa de campo.

O referencial teórico foi dividido em três partes: a primeira parte trata dos aspectos conceituais fundamentais referentes a patrimônio através de estudos bibliográficos.

Em seguida, abordam-se conceitos relativos ao estilo *art déco*, que caracteriza de forma marcante a edificação.

A terceira parte é relativa ao conceito de mercado central, onde é apresentado seu surgimento, trajetória, feição arquitetônica e exemplificações.

Posteriormente, se inicia a abordagem sobre o histórico do Mercado Central de Macapá, dividido em: Eixo de estudo e caracterização da área, realizado através de estudo e análise documental, entrevistas e trabalho de campo.

Seguindo, é abordado o tema gestão cultural, onde é apresentado seu conceito fragmentado e o conceito que se aplica dentro da proposta de projeto. Concluindo essa temática é exposta uma programação cultural.

Finalizando, foi apresentada a proposta arquitetônica de Revitalização do Mercado Central de Macapá: Através de Gestão Cultural, com estudos de viabilidade, necessidades, formas de implantação, adequação climática, estudos de materiais e soluções construtivas adequadas, priorizando a questão cultural.

Deste modo, o projeto mostrará como a revitalização desse espaço pode melhorar o desenvolvimento urbano, cultural, econômico e turístico da região, assim como, o estudo buscará preservar o patrimônio histórico e cultura enraizada macapaense.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.2 Aspectos Conceituais

1.1.1 Patrimônio

De modo completo, patrimônio é relativo a um conjunto de bens materiais e imateriais pertencentes a uma pessoa, lugar ou povo. “Patrimônio. Esta bela palavra, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo.” (Choay, 2001, pag.11).

Partindo da construção do conceito de patrimônio ao longo do tempo, a palavra era muito utilizada para denominar a herança passada de pai para filho, tais como objetos de valor, terras, imóveis, entre outros. Mediante a obra de Funari e Pelegrini (2006, p.11):

As origens. Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater família*, pai de família. [...]
A família compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento, sem excetuar, portanto as próprias pessoas.

Segundo Choay (2006) a expressão patrimônio histórico, é designada a um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de objetos que se assemelham por seu passado comum, como obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, diversidade de produtos de todos os conhecimentos adquiridos pelos seres humanos.

Outra noção de patrimônio é a característica imaterial ou espiritual, que pode ser identificada como um bem que não se pode tocar, é algo abstrato, como exemplo nossas crenças, os ensinamentos recebidos de pai, mãe, avós; os conhecimentos adquiridos na escola, faculdade, cotidiano; as tradições familiares como festejos, receitas e modo de viver, transmitidos de geração a geração.

Tudo o que se constrói ao longo da vida seja material ou imaterial faz parte do patrimônio de um indivíduo, que irá julgar o que é e o que não é de valor para a herança patrimonial de sua história.

Em primeiro lugar, pensamos nos bens que transmitimos aos nossos herdeiros – e que podem ser materiais, como uma casa ou uma jóia, com valor monetário determinado pelo mercado. Legamos, também, bens materiais de pouco valor comercial, mas de grande significado emocional, como uma foto, um livro autografado ou uma imagem religiosa do nosso altar doméstico. Tudo isso pode ser mencionado em um testamento e constitui o patrimônio de um indivíduo. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.9).

Baseado no estudo de Funari; Pelegrini, (2006, p.29) o patrimônio era exclusivamente de posse do poder privado, diretamente ligado à elite patriarcal romana, passada de pai para filho. Seguindo dessa mesma linha a hierarquia do estado era regida por pais de família, logo, a concepção de patrimônio público era inexistente, já que, esse ciclo se limitava apenas a aristocracia romana privada.

A compreensão de patrimônio como algo coletivo, público, surgiu com a disseminação do cristianismo e o domínio da igreja. Com a valorização de objetos e cerimônias religiosas, vieram à construção de catedrais, que modificaram com grande significância a paisagem religiosa, agora física, de forma mais próxima dos devotos. Ainda que as catedrais gerassem, de certa forma, manifestação coletiva, adquirindo valor de patrimônio público, o poder aristocrático prevalecia.

O renascimento surge com o intuito de lutar contra a aristocracia e a imposição religiosa que ela estabelecia. Nessa batalha que se entrançava, os renascentistas buscavam como argumento, para contrapor a aristocracia, o estudo da Antiguidade grega e romana e denominaram esse período entre a Antiguidade e o renascimento, de “idade das trevas”, conhecida como idade média, que caracterizava esse domínio religioso. Os humanistas, por sua vez, iniciaram o processo de catalogação e coleta de tudo que se entendia por antigo, como moedas, vasos cerâmicos, inscrições em pedra, desenhos, esculturas, criando o que atualmente chamamos de Antiquário.

Com a Construção dos estados nacionais, que até meados do século XVII era inexistente, e conseqüentemente, a criação de povos que compartilhavam mesma língua, cultura e costumes, o conceito de patrimônio se consolidou.

A Revolução Francesa viria a destruir fundamentos do antigo reino. Ao acabar com o rei, toda a estrutura do Estado perdia sua razão de ser. [...] E precisava criar cidadãos, fornecer meios para que compartilhassem valores e costumes, para que pudessem se comunicar entre si, para que tivessem um solo e uma origem supostamente comuns. Por meio da escola, foi possível, aos poucos, definir a língua nacional, o francês, que antes era falado apenas pelas elites. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.17).

A formação de novos cidadãos pertencentes a um mesmo estado, criando uma só cultura, costumes, danças, comidas típicas, festejos, língua, sotaque, caracteriza com vigor o conceito de patrimônio cultural, que une todos esses elementos, seja material ou imaterial, para contar a história de um povo.

Segundo Choay (2006, p.12) na França, foi criada a comissão de monumentos históricos, em 1837, com a finalidade de proteger monumentos que carregavam a cultura francesa consigo dotada de três categorias de monumentos históricos que eram: remanescentes da Antiguidade; edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos. “A legislação protetora do patrimônio nacional francês tardaria ainda muitas décadas, pois a primeira lei é de 1887, tendo sido complementada por uma legislação ampla em 1906, já em pleno século XX.” Funari e Pelegrini (2006, p.19).

Seguindo o campo conceitual, monumentos históricos são construções de edifícios, formas físicas humanas ou naturais que representam algo para a cultura e história de um lugar, geralmente marcam uma data comemorativa ou homenageiam uma pessoa importante. No Brasil temos como exemplo de monumento o Memorial da América Latina; em São Paulo, o Cristo Redentor; no Rio de Janeiro, a Catedral de Brasília entre outros.

Já nos Estados Unidos, a primeira lei relacionada a patrimônio, foi a Antiquities Act, em 1906, que tinha o objetivo de proteger bens culturais de interesse da nação e que estivessem situados no limite das propriedades do governo.

O nacionalismo, associado ao imperialismo, seria superado com o fim da segunda Guerra Mundial e a criação da ONU, a Organização das Nações Unidas, e da Unesco, a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura, ambas em 1945. Embora desde 1937, sob a égide da antiga sociedade das Nações, Conferência de Atenas tenha defendido a salvaguarda do patrimônio cultural da humanidade, apenas no novo contexto pós-guerra se desenvolveram abordagens mais abrangentes e menos restritivas de cultura. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.21).

A consciência que se formou após o surgimento dos estados em relação ao significado de patrimônio nacional era bem visível durante todo esse processo de guerra, revolução e lutas sociais. As manifestações em proteção ao meio ambiente também vieram para enriquecer não só o conceito de patrimônio cultural, mais também de patrimônio natural. Enfatizam Funari e Pelegrini (2006, p.25) “Assim, compõem o patrimônio cultural não apenas as fantasias de carnaval, como também as melodias os ritmos e o modo de sambar, que são bens imateriais”.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) foi criada em 16 de novembro de 1945, logo após a Guerra Mundial, com o intuito de promover a paz entre os países através do auxílio no desenvolvimento e solução de problemas sociais enfrentados pelas nações membro, que atualmente são constituídas de 193 países. No Brasil, se firmou em 1964, na capital Brasília atuando na área da educação.

Com base nas pesquisas de Funari e Pelegrini, em 1972, foi realizada a primeira convenção referente ao patrimônio mundial, cultural e natural pela Unesco. A partir do reconhecimento da importância da diversidade que os cercava, essa novidade considerava que os sítios declarados como patrimônio da humanidade pertenciam a todos os povos do mundo.

Ainda sobre a convenção Choay (2006, p.13) diz: “Enfim, o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades [...]”.

Segundo a convenção subscrita por mais de 150 países o patrimônio da humanidade compõe-se de:

- Monumentos: obras arquitetônicas, esculturas, pinturas, vestígios arqueológicos, inscrições, cavernas;
- Conjuntos: grupos de construções;
- Sítios: obras humanas e naturais de valor histórico, estético, etnológico ou científico;
- Monumentos Naturais: formações físicas e biológicas;
- Formações geológicas ou fisiográficas: *habitat* de espécies animais e vegetais ameaçados de extinção; Sítios naturais: áreas de valor científico ou de beleza natural. (FUNARI, PELEGRINI, 2006, p.25).

A organização tinha como objetivo catalogar mais de duas dezenas de sítios patrimoniais da humanidade ameaçados e combater o tráfico ilícito de bens culturais; uma convenção realizada em 1970 tratou desses interesses, atuar no desenvolvimento e execução de programas de ensino médio e capacitar os países, para que a populações locais se mantivessem estreitamente associadas à planificação e às ações concretas de salvaguarda. A aprovação da Unesco confere aos sítios caráter e “slogan” de patrimônio cultural e econômico, gerando a disseminação do turismo cultural e ecológico em cima tanto dos sítios quanto das cidades e países onde se situam.

No Brasil, para a identificação, proteção, preservação, catalogação dos patrimônios, promovendo os bens culturais, assegurando sua permanência e usufruto de gerações presentes e futuras, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi criado em 13 de janeiro de 1937, por meio da lei nº 378, assinada por Getúlio Vargas, presidente na época. O instituto é uma autarquia federal vinculada ao ministério da cultura que responde pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Segundo dados do instituto, atualmente possuem 27 superintendências, sendo uma em cada unidade federativa; 31 escritórios técnicos, a maioria concentrado em cidades que formam conjuntos urbanos tombados, denominados Cidades Históricas e quatro Unidades Especiais, sendo três delas situadas no Rio de Janeiro que são: Sítio Roberto Burle Marx, Paço Imperial, Centro Nacional do Folclore e cultura Popular e Centro Nacional de Arqueologia, em Brasília.

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro, é composto de bens de natureza material e imaterial, incluindo modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Já os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito aquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais e coletivas.

Segundo Funari e Pelegrini, as primeiras ações em defesa da preservação do patrimônio nacional, inseridas em um projeto mais amplo, devotado à prática social

integradora do governo Vargas, englobava a seleção de edifícios do período colonial, em estilo barroco, e palácios governamentais, em sua maioria prédios neoclássicos e ecléticos. Enquanto que a arquitetura imperial elevada à marca nacional, representava o país, aos patrimônios não ligados a elite, permaneceram por muito tempo no esquecimento e isso só se reverteu 60 anos após a criação do Iphan, com o Decreto nº 3.551/2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial.

No estado do Amapá, temos como exemplo de Patrimônio histórico e cultural a Fortaleza de São José de Macapá, localizada no centro da cidade de Macapá. Tombada como Patrimônio Histórico pelo IPHAN em 22 de março de 1950. (IPHAN, 2014).

Sua arquitetura exuberante constituída de muralhas em pedra e formatos geométricos abraça uma área de aproximadamente 800.000 m². Sobre sua arquitetura suntuosa, detalha Teixeira ([2007?], p.59):

O projeto arquitetônico teve a influência da engenharia militar francesa do século XVII expressada pelo construtor Marquês de Vauban, com bases defensivas de guerra de posição, usando um quadro com quatro baluartes pentagonais nos vértices.

No pátio, oito prédios distribuídos em pares, duas casamatas com 12 celas cada uma e o revelim a oeste [...].

O revelim foi construído com essa finalidade e dava proteção à porta principal, com todos os elementos necessários ao abrigo da guarda que ali se alojava. É uma obra exterior composta de duas faces. O revelim na lateral esquerda não chegou a ser construído.

[...]

O seu sistema de construção constituiu-se basicamente de alvenaria mista de pedra e tijolo, argamassada com barro e cal.

A edificação é o ponto turístico de maior dimensão no estado do Amapá por possuir valor histórico e estético. Visitar a Fortaleza de São José de Macapá é como uma viagem no tempo.

Figura 1 – Fortaleza de São José de Macapá.



Fonte: Site oficial Portal da Amazônia

A pintura corpora e arte gráfica kusiwa, da tribo Waijãpi situada entre as fronteiras dos rios Oiapoque, Araguari e Jarí, está inscrita no livro do Registro das Formas de Expressão, em 20 de dezembro de 2002, como Patrimônio Cultural do Brasil. Também foi titulada como Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imperial da humanidade pela Unesco, em 2003. (IPHAN, 2014).

Figura 2 – Pintura corporal Tribo Wajãpi.



Fonte: Site oficial Portal da Amazônia

A atuação do IPHAN na cidade de Macapá iniciou no ano de 2004 através da implantação da Sub-Regional vinculada à Superintendência Regional do estado do

Pará, que na época tinha como atribuição fiscalizar a Fortaleza de São José de Macapá– único bem material tombado – e alguns sítios arqueológicos. Estabeleceu-se como Superintendência Estadual no município, conforme a portaria nº161/IPHAN, publicada em 27 de maio de 2009, que instituiu as novas nomenclaturas e siglas das Superintendências Estaduais do Instituto, em conformidade com o disposto na Portaria nº 157, de 25 de maio de 2009, que definiu a XXVI Superintendência do IPHAN no Amapá, IPHAN-AP. (IPHAN, 2014).

Através de sua ação no Amapá, o IPHAN busca estimular o desenvolvimento de políticas de preservação do patrimônio, assim fortalecendo seu papel. Uma das medidas tomadas pelo órgão foi inventariar edificações e o traçado urbano da cidade de Macapá, ligado a preservação histórica e cultural, evitando que futuras mudanças no espaço urbano ignorem esses bens e trabalhem de forma não somente a preservá-los, mas também como elementos essenciais para o avanço da região, além de expor para a população macapaense o valor de sua história de um modo mais acessível.

No que se refere à preservação, o Mercado Central se enquadra como bem patrimonial, inventariado pelo IPHAN, e patrimônio histórico e paisagístico segundo o Art. 58 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá. No entanto, não foram aplicados os princípios de planejamento urbano e preservação adequada ao local, o que conseqüentemente ocasionou na danificação de sua estrutura e desordenamento do entorno.

1.1.2 *Art déco*

O Conceito elaborado neste estudo é baseado no artigo de Correia (2008). O *Art Decó* foi um estilo que surgiu como movimento artístico entre 1920 e 1930, mais precisamente na Europa, através da Exposição de Artes Decorativas Industriais e Modernas, que ocorreu em Paris entre abril e outubro de 1925, donde provém a denominação do estilo.

No entanto, o *art déco* só aparece com mais precisão a partir das décadas de 1950 e 1960, pois ao longo desse período o ele se camuflou entre outros estilos, assim como recebeu várias influências, sendo confundido com outras tendências,

exemplo disso é que até os dias atuais é raro encontrar em livros e escritas assuntos sobre o gênero.

O estilo é caracterizado pelo uso de formas geometrizadas, com volumes, simetria, assimetria, e ornamento, elementos decorativos como principal ferramenta expressos na arquitetura, esculturas e objetos de forma requintada. Complementa Correia (2008 p.50):

Entre os recursos que integraram o repertório formal do *Art déco* na arquitetura encontram-se: marquises; balcões em balanço; colunas, frontões, capitéis, pilastras, platibandas e volutas de formas esquemáticas; gradis e caixilhos de metal, inclusive do tipo basculante; ornatos em alto ou baixo relevo, representando formas geométricas, temas florais simplificados, linhas retas, em ziguezague, ou linhas em espirais. Os vãos surgem retangulares, circulares, escalonados ou acompanhando as superfícies curvas das quinas das fachadas. O uso cenográfico da luz é amplamente apropriado, tanto através do neon compondo fachadas quanto através de vitrais. Texturas nas superfícies e padrões esquemáticos de cores são outros recursos empregados.

Segundo o mesmo autor, a introdução do *art déco* nas fachadas, com frontões decorados, entradas em arcos plenos, pilastras, platibandas com frisos em relevo, linhas horizontais e verticais, e qualquer forma de uso de características ornamentais, transmitia caráter hierárquico as residências. A as casas e edifícios se estruturavam compondo-se de volumetria e formas geométricas, como prismas retangulares, elementos cilíndricos, volumes arredondados ou planos, verticais ou horizontais, em prédios mais altos, por exemplo, era comum a composição de prismas retangulares de diferentes alturas escalonados, ressaltando a busca pela monumentalidade.

Figura 3 – Estudo da fachada principal.



Fonte: Acervo da autora

A arquitetura do Mercado Central de Macapá é caracterizada pelo estilo *art déco*. Em suas fachadas principais é possível identificar elementos decorativos, esquadrias em madeira e vidro em forma de arco pleno, frontão ornado de viés *déco* em semicírculo, frisos ornamentais em baixo relevo escalonados formando um plano harmonioso e elegante.

O *art déco* se faz presente em outras obras que acomodam o entorno do Mercado, compondo o conjunto de obras históricas da cidade, tais como o Museu Joaquim Silva Caetano, ornado com frontão triangular e frisos alinhados em baixo relevo; o Colégio Barão do Rio Branco, com fachada em vãos circulares formando arcos e a Igreja São José de Macapá, com frontão triangular, bordas em baixo relevo, friso alinhado em alto relevo e esquadrias com bordas ornamentadas.

1.1.3 Mercado Central e Municipal

Compreende-se mercado, como espaço social direcionado à venda, compra e troca de produtos diversificados ou específicos. Originária do latim, a expressão

era aplicada ao local onde os vendedores se encontravam para praticar a troca de seus bens.

Os Mercados Centrais são considerados o coração do lugar a que pertencem, é comum toda localidade, cidade ou município, possuir um espaço onde se concentram vendas de produtos gerados pela própria população, geralmente do gênero alimentício, e por habitantes locais. Fazendo do lugar uma união de cores, costumes, sabores, sotaques, cultura, definindo uma feição característica que expressa a natureza da região como um todo.

Partindo da história, trajetória e surgimento de mercados no que se refere a ambiente físico, a concepção vem de meados do século XIX, com a construção de mercados públicos em cidades da Europa que logo influenciaram na construção de mercados no Brasil na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

Segundo um estudo realizado em novembro de 2001, por Douglas Murilha e Ivone Salgado sobre a arquitetura de Mercados Públicos, com base nas teorias construtivas, referentes aos mercados, de Jean Nicolas Louis Durand, Quatremère de Quincy e Giulio Carlo Argan foram elaborados três tipos de mercados:

- Mercado fechado com pátio interno aberto: possuíam plantas simétricas de forma quadrada e retangular, pátio interno descoberto composto por um conjunto de arcadas nas laterais e fachadas no estilo neorromânico. No Brasil, dentre os mercados mais populares, temos como exemplo o Mercado Público da Candelária e Mercado da Glória, no Rio de Janeiro; Mercado da Rua 25 de março, em São Paulo, e o Mercado público de Florianópolis, em Santa Catarina.
- Mercado coberto em estrutura de ferro dotado de lanternim na Europa: é caracterizado pelo uso do ferro como elemento construtivo principal, devido à facilidade de reproduzir a mesma forma diversas vezes, encaixe dos elementos estruturais, manuseio e estruturas mais amplas. Os mercados possuíam coberturas extensas dotadas de aberturas dispostas em sua prolongação, denominado lanternim; vãos maiores que os convencionais; maior número de boxes fixos e alguns possuíam subsolo direcionado ao armazenamento. Nessa época, surgiram os mercados de animais, com

estruturas de ferro que dividiam os tipos de animais, geralmente eram erguidos próximos a matadouros. Temos como exemplo no Brasil o Mercado Municipal ver-o-peso, em Belém/PA e os mercados do estado de São Paulo, como o Mercado Público São Carlos e o Mercado Público São José.

- Mercados públicos cobertos dotados de torreões laterais: caracterizado pelo sistema construtivo de uso misto, com alvenaria e tijolos de barro maciços e estrutura de ferro e madeira. Comumente, composto por colunas de ferro, fechamentos externos em alvenaria e estrutura da cobertura de tesouras de madeira. Outra característica marcante, eram torreões dispostos nas laterais das edificações, em formas geométricas cilíndricas ou retangulares, faziam uma composição volumétrica que se destacava do restante da construção por serem dispostos em um nível mais elevado. Exemplificam este modelo o Mercado Municipal do Rio de Janeiro e o Mercado Municipal de Santos.

Comumente, os mercados centrais e municipais carregam com sigo feições arquitetônicas características, dotadas de grandiosidade e peculiaridades deslumbrantes o que os torna construções únicas e marcantes para o lugar que habitam.

1.1.3.1 Exemplos de Mercados

1.1.3.1.1 Mercado ver-o-peso

Pertencente à cidade de Belém, no estado do Pará, o mercado ver-o-peso surgiu por volta de 1627, período colonial, quando a coroa portuguesa instalou pequenos pontos de fiscalização as margens do igarapé Piri, que eram conhecidas como casas de haver-o-peso, para controlar a entrada e saída de mercadorias e cobrança de impostos, por isso o local é denominado ver-o-peso.

Posteriormente, em meados do século XIX, o igarapé Piri foi aterrado, concedendo lugar à doca do ver-o-peso.

Figura 4 – Mercado Ver-o-peso



Fonte: Site oficial Feriado Social.

O processo de fiscalização e cobrança funcionou até 1839 e após sua extinção, foi destinado ao funcionamento do mercado do peixe. Em 1847, o local foi demolido para a futura construção do novo mercado do peixe e carne.

Esse momento foi marcado pelo auge do ciclo da borracha, onde a cidade de Belém passou por grandes transformações urbanísticas provenientes da economia proporcionada pela borracha, entre o século XIX e início do século XX. A construção do novo mercado de ferro teve início em 1899, autorizada pela lei municipal nº 173, de dezembro de 1897.

A arquitetura aplicada nas novas edificações foi inspirada no estilo eclético industrial e *art nouveau* da belle époque, tinha como elemento base da construção a estrutura de ferro, trazida da Europa, projetada pelo arquiteto Henrique La Rocque. Sobre a construção, detalha Carvalho (2011, p. 1):

O Mercado de carne e o Mercado de Peixe são duas edificações construídas em 1899, dentro dos padrões da época: arquitetura eclética industrial onde o ferro é o elemento principal. O primeiro possui a área

externa de alvenaria, e um imenso pátio interior com imponente estrutura metálica, no estilo “art-nouveau”, com detalhes que lembram galhos e folhas de árvores [...].

O Mercado faz parte de um conjunto urbanístico, turístico, comercial e paisagístico que abrange o Mercado do Peixe, Mercado de Carne, a Feira livre, a Feira do açaí, a Praça do Relógio, a Ladeira do Castelo e a Praça do Pescador. Além da venda de carne e peixe, o Mercado é conhecido pela diversidade de produtos e iguarias da Amazônia como ervas frutas, extratos de plantas, hortaliças e comidas típicas.

Ao longo dos anos o ver-o-peso vem construindo sua identidade característica enriquecida através dos costumes e cultura local, se mantendo como principal ponto turístico do estado, movimentado por um grande fluxo de pessoas da localidade e turistas.

Sua importância se concretizou em 1977, quando foi tombado pelo IPHAN, com inscrições em três dos quatro livros criados pelo decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937. (COLARES, 2013).

1.1.3.1.2 Mercado Municipal de Florianópolis

Mercado Municipal Público de Florianópolis: é um dos pontos turísticos mais frequentados da capital de Santa Catarina, rico na diversidade de produtos, comidas, bebidas e expressões artísticas locais. Consegue reunir em um só lugar a cultura e tradição regional, habitantes que mantêm suas raízes viventes e turistas de múltiplas localidades. Sobre, detalha Yamamoto (2008, p.4):

Podemos ver o mercado como um símbolo do Estado – simbologia advinda de sua responsabilidade de abastecer a cidade, os cidadãos que não plantam o que comem transformam-se ora em prédio de disputas políticas e econômicas, ora em símbolo cidadão ou atração turística.

A construção do Mercado teve seu início em 1851 e foi inaugurado em 5 de fevereiro de 1899, somente com uma ala. Em 1912, o edifício foi contemplado com uma segunda ala, assim dividindo a construção em duas partes. Possui um extenso

vão central que é interligado por rampas e torres formando um conjunto arquitetônico primordial.

Figura 5 – Mercado Municipal Público de Florianópolis



Fonte: Site oficial Luís Prado.

A edificação carrega traços arquitetônicos marcantes, com detalhes entre frisos e esquadrias que são semelhantes ao mercado central de Macapá.

2 MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ

2.1 Eixo em Estudo

A construção do Mercado Central de Macapá teve seu início em 1950, sua conclusão e inauguração em 13 de setembro 1953. Tal empreendimento foi um marco nas obras do primeiro governador do território federal do Amapá, Capitão Janary Gentil Nunes, nomeado em dezembro de 1943. Janary transformou o pequeno povoado, de apenas 21 mil habitantes em uma verdadeira cidade, levantando escolas, praças, pontos de assistência médica e o nosso mercado. Segundo Tostes (2015), “a evolução urbana só ocorre com maior propriedade após a criação do Território Federal do Amapá no ano de 1943, muito tempo a cidade ficou na inércia por parte dos governantes do estado do Pará”, o governo federal liberava recursos com o intuito de tomar as regiões e emancipar as áreas fronteiriças. Sobre as obras na capital, Bezerra evidencia (2008, p. 27):

A cidade se transformou num verdadeiro canteiro de obras, com competência, amor ao Brasil principalmente ao Amapá. Nosso governador dedicou sua visão de progresso fundada na educação e saúde de qualidade. Na Amazônia extrema, aonde só se chegava por rios ou ar, onde tudo era difícil conseguir [...].

O local representava exatamente o significado de seu nome, era um verdadeiro centro; como um ponto que se fazia necessário no cotidiano de todo trabalhador da pequena vila. Lá tudo funcionava, as pessoas não precisavam se deslocar várias para cumprir tarefas diárias simples como comprar alimentos, concertar o sapato e pegar o transporte. Como naquele tempo a entrada de produtos era difícil, comumente pessoas faziam filas na madrugada para garantir a compra dos alimentos.

Até meados da década de 60, o acesso era feito pela Rua Cândido Mendes através de pontes que ligavam palafitas.

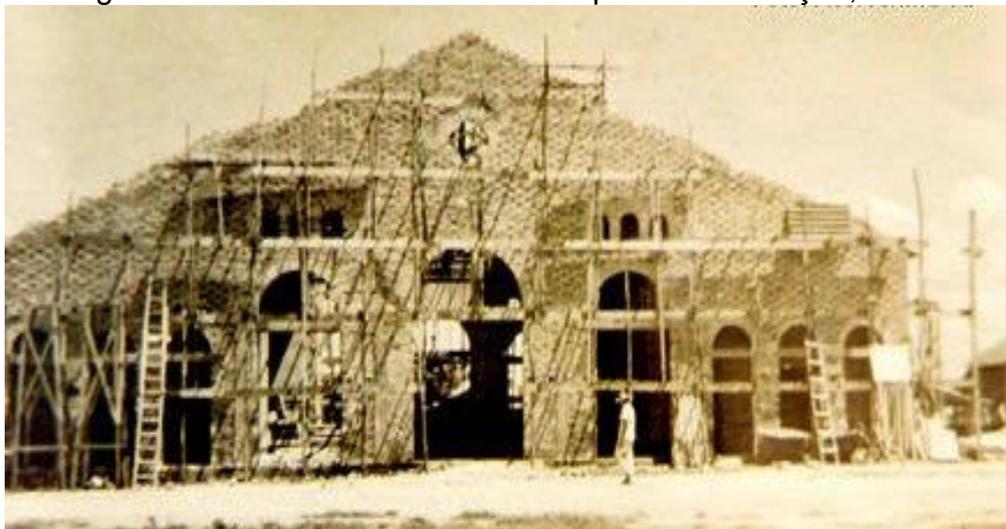
E foi a partir daquele ponto que a vila começou a expandir tomando forma de cidade capital.

O mercado central foi construído com a finalidade de acomodar pequenos comerciantes e produtores para a comercialização de produtos do gênero alimentício como carne bovina, suína, verduras e legumes. Nessa época o mercado era o principal centro comercial dessa qualidade na região, pois não havia muitos pontos de venda. Tudo era muito difícil, recorda Bezerra, sobre a dificuldade na aquisição de alimentos “Esse negócio de filé, chã, alcatra, patinho e outras carnes nobres, chamadas de carne de primeira iam para as autoridades. Para os demais, com um pouco de sorte, só de segunda, a chamada carne dianteira” (2008, p.29).

Por conta da escassez os comerciantes se organizavam para que todos pudessem comprar um pouco de alimento, cada pessoa podia comprar certa quantidade de carne, por exemplo.

Para a antiga vila de Macapá, o mercado representava uma grande evolução no que se refere à urbanização.

Figura 6 – Mercado Central de Macapá em construção, 1950.



Fonte: Acervo SEMA/AP (2015).

O Mercado está localizado na Praça Teodoro Mendes, na Avenida Cândido Mendes, entre as ruas Antônio Coelho de Carvalho e Henrique Galúcio, batizada assim, em homenagem ao ex-prefeito de Macapá, Manuel Teodoro Mendes que teve vigência no cargo entre 1896 e 1914. É o que Prado (2008, p.2), retrata em sua reportagem sobre o Mercado:

A frente do Mercado Central de Macapá fica para a Rua Cândido Mendes. Existe o estacionamento de caminhões e caminhonetes que faziam frete, em substituição as velhas e históricas carroças. Os carroceiros ainda existem. São raros, mas não só no Mercado Central. Eles foram substituídos pelos “choferes” de caminhão de fretes. Com esse trabalho sustentavam as famílias.

A região é caracterizada pela concentração de construções antigas que formam o “centro histórico” da cidade. Foi a partir dessa área que a cidade começou a expandir.

Figura 7 – Localização do lote.



Fonte: Acervo da autora.

Por conta da escassez os comerciantes se organizavam para que todos pudessem comprar um pouco de alimento, cada pessoa podia comprar certa quantidade de carne, por exemplo.

Para a antiga vila de Macapá, o mercado representava uma grande evolução no que se refere à arquitetura e planejamento urbano.

Figura 8 – Mercado Central, 1960.



Fonte: Acervo SEMA/AP.

2.2 Caracterização da Área em estudo

Sua estrutura em alvenaria e madeira, contava com 16 boxes direcionados a venda de frutas, verduras e hortifrúti e 20 boxes para a comercialização de peixes, carnes, granjeiro e produtos nativos oriundos dos rios e florestas, na época de sua inauguração. “Para uma cidade que estava sendo erguida, a arquitetura era suntuosa para o tempo e a humilde população, com casas de pau a pique e barro.” Frisa Prado (2008).

Sua feição arquitetônica carrega fortes características do estilo *Art déco*, introduzido no Brasil a partir da década de 30, e adotada em várias construções da cidade como igrejas, casas, escolas, que utilizam formas geométricas, volumes e ornamentos de uma forma rebuscada e requintada.

Segundo Correia (2008, p. 50) “O aspecto inovador da arquitetura *art déco* situa-se na frequente simplificação geometrizar de seus elementos decorativos e na diversificação e atualização de suas fontes de influência ornamental”.

Nas fachadas principais do Mercado é possível identificar propriedades marcantes do estilo *art déco*. Sobre o estilo, detalha Correia (2008):

Um amplo conjunto de temas compõe o repertório decorativo *art déco*, incluindo motivos figurativos estilizados, elementos geométricos abstratos ou formas curvas aerodinâmicas. Tais motivos são inspirados em máquinas, na fauna, na flora, em temas associados a culturas antigas, e na linguagem clássica. Referências associadas a construções egípcias e/ou astecas podem ser identificadas no geometrismo; uso de prisma ortogonal, escalonamento; sobreposição de planos e fachadas e baixos relevos com desenhos geométricos. No Brasil, temas da arte marajoara foram mobilizados na ornamentação de interiores e exteriores de tendências *déco*. (CORREIA, 2008, p.50).

As esquadrias cheias de contornos formando arcos na elevação que abriga o telhado. O frontão alinhado em três níveis escalonados com a presença de frisos em baixo relevo e formas aprimoradas tecendo um conjunto harmonioso e elegante são exemplos disso.

Essa tendência arquitetônica se tornou popular na região naquela época, as casas que foram brotando conforme a vila se expandia, começaram a adotar o estilo em suas fachadas. Uma das obras que se destaca pela semelhança nas feições arquitetônicas é a Igreja de São José de Macapá, situada a poucos quilômetros do mercado.

Sua estética se destaca das demais construções desse perfil e cria uma conexão perfeita com a Fortaleza de São José e a orla da cidade; um elo de valor histórico, turístico e econômico.

Ao longo dos anos a edificação recebeu reformas e pequenos reparos, feitos pelos próprios autônomos que trabalham no mercado; devido a esse fato, as características originais foram parcialmente abaladas, salvo os detalhes das fachadas, esquadrias e a estrutura externa.

Outro ponto que se destaca na aparência do mercado, são as cores das fachadas, em branco tipo cal e azul turquesa, que foram mantidas evitando a descaracterização total da edificação.

Figura 9 – Fachada principal do Mercado, 2015.



Fonte: Acervo da Autora

Essa tendência arquitetônica se tornou popular na região naquela época, as casas que foram brotando conforme a vila se expandia, começaram a adotar o estilo em suas fachadas.

Sua estética se destaca das demais construções desse perfil e cria uma conexão perfeita com a Fortaleza de São José e a orla da cidade; um elo de valor histórico, turístico e econômico.

Ao longo dos anos a edificação recebeu reformas e pequenos reparos, feitos pelos próprios autônomos que trabalham no mercado; devido a esse fato, as características originais foram parcialmente abaladas, salvo os detalhes das fachadas, esquadrias e a estrutura externa.

Após a conclusão das obras, um ponto de ônibus foi instalado em frente ao Mercado, para facilitar o acesso ao local, que ficou popularmente conhecido como Clip Bar, um ponto comercial que abrigava os passageiros e era cenário de muita prosa e boas histórias de quem frequentava aquele local seja para apanhar o transporte, seja para reunir com os amigos. Na praça, também eram bem vindos os engraxates, recorda Nery (2015) “a praça era ponto de encontro de engraxates, cada um levava seu equipamento de trabalho e a freguesia era garantida”.

O clip bar foi um ponto de transporte e lazer muito famoso, visto que, não havia muitos locais desse perfil naquele período; até os dias atuais o local é lembrado por historiadores e povo que vivenciou esse tempo.

Figura 10 – Clip Bar, década de 60.



Fonte: Acervo SEMA/AP.

O Mercado abriga até hoje o Bar du Pedro, bar tradicional, passado do pai, Pedro Nery, para o filho Luiz Nery, que preserva as características originais do estabelecimento, desde a década de 60. Sobre o bar, recorda Terra (2013):

Ainda era cedo quando o Pedro do “Bar DU Pedro” colocava as mesas e cadeiras na calçada, com o volume máximo ao som de Nelson Gonçalves, com “A volta do boêmio”. A letra da música é mais verdadeira tradução da boemia do Mercado Central, construído pelo Governador Janary Nunes, que na época era tido como o maior mercado do País. Local, em que diariamente as pessoas voltam, seja para rever os amigos ou para cumprir a sina de um dia de trabalho.

Antes de o estabelecimento chegar aos cuidados de Pedro Nery, o bar se chamava São Luiz Gonzaga. Relata Prado (2008):

Na parte externa, pela lateral na Avenida Antônio Coelho de Carvalho, situa-se o Bar Du Pedro. O mais antigo em funcionamento. Começou sobre a responsabilidade nome de Bar de São Luiz Gonzaga. A partir da década de 60, passou para o senhor Pedro Nery da Cruz, que adotou o nome de Bar Du Pedro, que funciona até hoje sobre a coordenação do filho.

O estabelecimento comercial consegue através de sua feição, transmitir o estilo de vida boêmia predominante naquele período.

Figura 11 – Bar Du Pedro, década de 60



Fonte: Blog Porta Retrato AP

Luiz Nery fala do bar herdado do pai com muito orgulho e amor e da família; em especial, que sempre buscou manter as características enraizadas, valorizar e não deixar a história do local se perder no tempo, pois cresceu naquele lugar, vivenciou cada momento marcado nitidamente em sua memória (informação oral). As paredes internas do bar, são ornamentadas com diversos retratos ilustrados com imagens feitas no bar e no Mercado ao longo dos anos, é uma forma de contar a história daquele lugar, quem entra pela primeira vez e se depara com esse cenário sente como se tivesse feito uma viagem ao tempo, sem falar que essa decoração traduz visão única e lendária ao bar.

O bar até hoje é palco de encontros de amigos, funcionários do Mercado Central, taxistas que ficam lá pela Praça Teodoro Mendes, comerciantes e visitantes que apreciam a beleza e aconchego que remete ao passado nostálgico desse lugar.

Figura 12 – Espaço interno Bar Du Pedro, 2015.

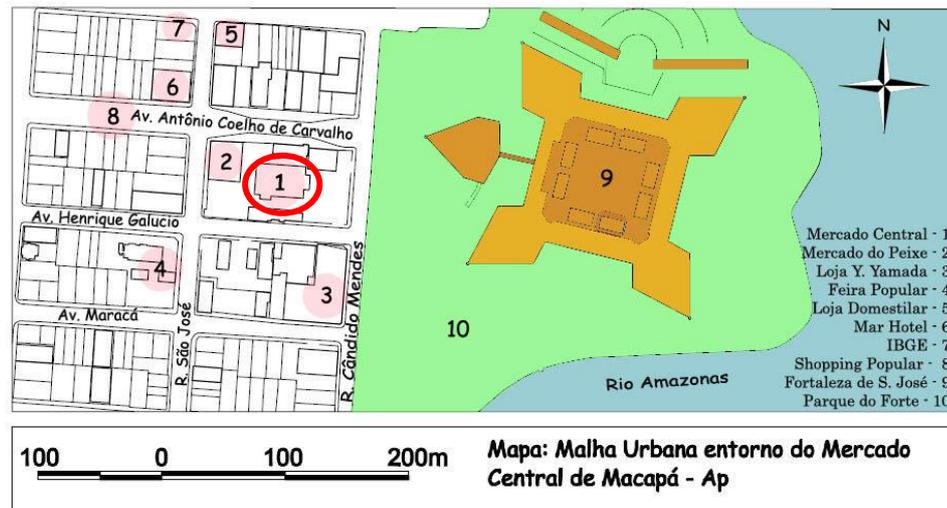


Fonte: Acervo da autora.

“A construção do mercado central, foi em um tempo em que a renda era per capita no Amapá, era uma das maiores do Brasil, era o tempo do manganês, da indústria e comércio de minérios S.A (ICOMI)” Prado (2008). O crescimento populacional no estado foi inevitável, logo a praça ao redor do mercado foi tomada por ambulantes.

Vieram também os mercantis e supermercados com suas variedades e praticidade, aos poucos as pessoas deixaram de deslocar-se para fazer compras no mercado, assim ele foi perdendo sua freguesia e utilidade no mercado, assim ele foi perdendo sua freguesia e utilidade.

Figura 13 – Mapa da malha urbana do entorno do Mercado Central.



Fonte: A autora.

O crescimento desenfreado foi um dos fatores que impulsionaram a criação do Plano Urbanístico da Cidade de Macapá, projetado pela empresa Grumbilf (1960, p.10) do Brasil, São Paulo, em 1960, firmava o plano:

A razão primordial, todavia para a execução do plano urbanístico, foi o crescimento desordenado e rápido da cidade de Macapá com concessões precipitadas de áreas e lotes e sem base de um plano diretor. Essa concessão tem dificultado muito a realização de um processo urbanístico acarretando no futuro desapropriações onerosas.

Segundo Tostes (2006) durante o processo de instalação elétrica em Macapá, surgiram dúvidas em relação ao modo de podar as árvores. Em 1959, a empresa Grumbilf do Brasil, foi contratada pela companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), para a elaboração de um plano urbanístico para Macapá e seus distritos; com o intuito de obter dados relativos ao crescimento e evolução urbana da cidade, e assim, tendo uma base para o planejamento da instalação de rede elétrica, água e esgoto.

O plano visava melhorias na qualidade de vida da população através de políticas públicas direcionadas a infraestrutura urbana, habitação, saúde, educação, transporte, lazer e questões ligadas à preocupação ambiental. Dentre as soluções apresentadas destacam-se: a conservação do traçado presente na cidade, já que a

cidade estava projetada em lotes bem dimensionados não haveria necessidade de mudanças; a introdução de ruas intermediárias no centro comercial, uma vez que aquela região estava propícia para expansão; destaque para a beleza natural da praia do Araxá.

Além disso, o plano presumiu o sucesso turístico do monumento marco 0, fazendo conexão direta com a praia da fazendinha, jardim botânico, zoológico e museu formando uma extensão voltada para o lazer.

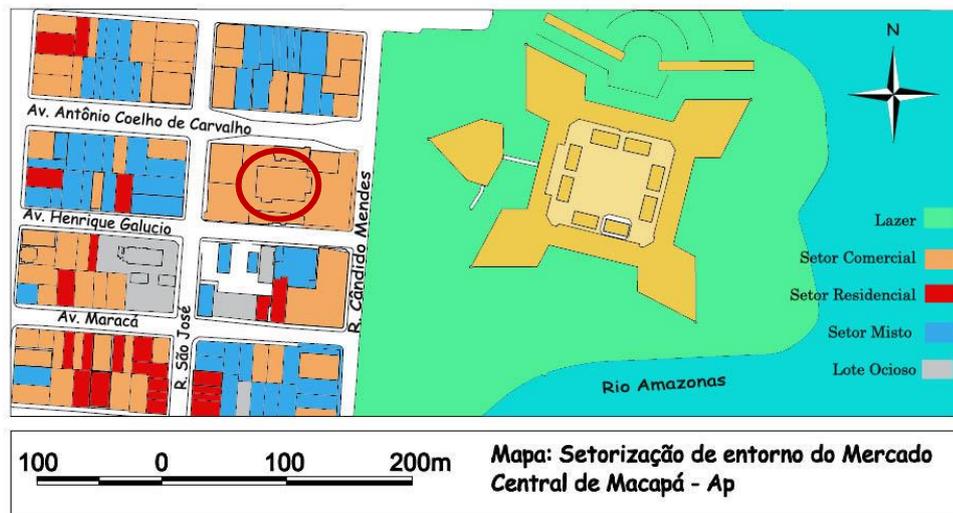
Apesar das ideias propostas serem coerentes, não foi possível introduzi-las com êxito. Relata Tostes (2006):

O problema do Amapá não tem sido a falta de boas propostas, mas a visão sistêmica de projeto e planejamento. O que se tem visto é à fragmentação das ações. As nossas cidades têm pouco desenvolvimento e os projetos de arquitetura são desvinculadas do desenho urbano. As propostas são elaboradas com base na ideia do momento, da casualidade e na inspiração do imaginário inconsciente, diferentemente do passado.

Conforme o mesmo autor, nas décadas passadas, os projetos urbanísticos para Macapá eram realizados com mais frequência e riqueza de detalhes competentes; incontáveis investimentos foram realizados, entretanto, não foram colocados em prática, a falta de recursos e desempenho dos gestores impediu executá-los com êxito.

Devido à expansão e desenvolvimento da cidade, o descaso dos gestores públicos e da população em preservar e incentivar a execução de políticas de valorização de bens de valor histórico e cultural; o local está tomado por construções desordenadas que vinculadas ao grande fluxo de pessoas e carros, ocasionou uma grande poluição na paisagem.

Figura 14 – Mapa de setorização do entorno do Mercado Central



Fonte: Acervo da autora.

O mercado central se enquadra no valor de patrimônio cultural e paisagístico. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá (2004, p.32) declara:

Art. 58. Diz: “Integram o patrimônio cultural e paisagístico do Município de Macapá os bens imóveis de valor histórico ou cultural, os sítios arqueológicos, os quilombos, os espaços históricos ou de manifestações culturais e as paisagens urbanas relevantes de Macapá: [...] V - Mercado Municipal;

[...] § 4º Na área de entorno da Fortaleza de São José deverão ser atendidas as exigências impostas pelo órgão de proteção do patrimônio histórico e artístico federal.

[...] Art. 59. O Município protegerá os bens históricos e os espaços de manifestação cultural de relevância municipal que integram o Patrimônio Cultural e Paisagístico do Município de Macapá.

Em termos referentes ao domínio turístico o mercado também se enquadra no Artigo 137 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá (2004, p.53) afirma:

Art. 137. As áreas de Interesse Turístico – AIT – são as destinadas prioritariamente para o desenvolvimento de atividades voltadas para o turismo sustentável incluindo:

I – espaços públicos e privados de cultura e lazer;

[...]

III – via estrutural de integração da orla;

IV – equipamentos de comércio e de serviços, tais como mercado municipal e demais mercados populares.

O mercado está nos limites da Fortaleza de São José de Macapá, tombado pelo IPHAN através do Processo de Tombamento nº 423-T-50 do volume I do livro do Tombo Histórico em 22 de março de 1950, segundo a Portaria nº 422, de 23 de novembro de 2011 do mesmo.

O IPHAN determinou normas e limitações de uso e ocupação que protegem a edificação do forte.

Dentre as delimitações impostas pelo IPHAN, em proteção a Fortaleza de São José de Macapá destacam-se:

Art. 2º. Para efeitos dessa Portaria entende-se por:

I - Engenho publicitário: todo e qualquer dispositivo ou qualquer equipamento utilizado para fim de veicular publicidade tais como: tabuleta, cartaz, letreiro, engenho, poliedro, painel, placa, faixa, banner, bandeira, estandarte, balão ou pipa, bem como outros mecanismos que se enquadrem nesta definição, independente da denominação dada;

[...]

III - Toldo: mobiliário acrescido à fachada da edificação, instalado sobre a porta, janela ou vitrine e projetado sobre o afastamento existente ou sobre o passeio, com estrutura leve e cobertura de material flexível, com a lona ou o plástico, ou translúcido, como o vidro ou o policarbonato, passível de ser removido sem necessidade de obra ou demolição, ainda que parcial;

[...]

Art. 3º. Para as áreas das Praças e demais espaços livres localizados a margem oeste do Rio Amazonas, serão consideradas como áreas non aedificandi, devendo ser preservada a cobertura vegetal existente e receber tratamento paisagístico adequado.

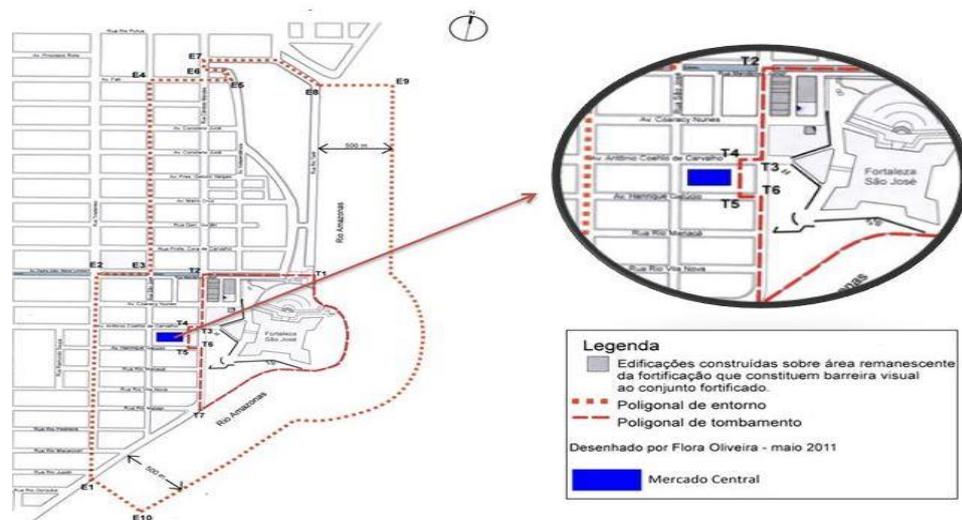
Art. 4º. Para a poligonal de entorno, fica estabelecido o gabarito de 02 (dois) pavimentos a partir da cota mais alta da testada do lote limitada a altimetria máxima de 8 m (oito metros).

[...]

Art. 5º. Para as fachadas e acabamentos externos em toda a área fica estabelecida a restrição quanto à adoção de cores vibrantes, tons vivos ou uso de tintas fluorescentes ou refletoras, ou tons essencialmente puros, tais como: vermelho, azul, roxo, amarelo ou verde, bem como a pintura de publicidade nas fachadas.

A área delimitada abraça boa parte do bairro central, caracterizado pelo setor misto e comercial como citado anteriormente. Devido a sua aproximação com a edificação em estudo o documento serviu como princípio norteador para a elaboração da proposta.

Figura 15 – Mapa delimitação de impacto no entorno da Fortaleza de São José.



Fonte: IPHAN.

Um projeto além de abranger conceitos estéticos abraça princípios históricos, culturais, que em sintonia com sua estrutura conta a história de uma vida, um tempo, um povo. Relata Santos (2010, p.40):

As particularidades e peculiaridades de cada lugar, que são determinadas pela relação histórica do habitante local e de seus saberes com a natureza e destes com outros seres humanos, contribui decisivamente para a construção da “identidade” do habitante local e conseqüentemente formata a aparência que adquire este espaço.

A região é composta basicamente pelo setor comercial de uso misto e residencial. Dados do IBGE (2010), apontam que o bairro possui área de 4,1 km², 8.176 homens e 9.622 mulheres, totalizando 17.798 habitantes, com um total de domicílios particulares de 4.831. Protagonizando diversas situações culturais, ambientais e de infraestrutura.

Até pouco tempo, o mercado encontrava-se em péssimas condições, sua estrutura está consideravelmente abalada. O prédio totaliza 979,8 m² com 2 (dois) banheiros, 8 (oito) estabelecimentos comerciais variados e 35 (trinta e cinco) boxes que funcionavam em sua minoria como lanchonetes, restaurantes e talho. Nery (2015), fala que a estrutura do mercado foi construída para funcionar apenas para suas utilidades iniciais, esgoto, por exemplo, não suporta os dejetos que hoje são despejados lá, provenientes dos restaurantes e lanchonetes que manipulam

alimentos gordurosos. Fala ainda da descaracterização do mercado feita pelos próprios locadores dos boxes, através de pequenos reparos na estrutura.

Figura 16 – Espaço interno do Mercado Central, 2015.



Fonte: Acervo da autora

O ambiente externo do lote em estudo é caracterizado pela predominância de estabelecimentos comerciais desordenados, constituídos de madeira e materiais improvisados, em sua maioria, voltados para a comercialização de produtos importados.

Outro ponto que caracteriza este espaço é o mercado do peixe, construído na época do governo de Anibal Barcelos, como anexo do mercado central, direcionado a venda de alimentos oriundos do pescado e hortifrúti.

Desde 2008, o Mercado conta com o apoio da associação Amigos do Mercado, idealizado por Antônio Macêdo, legalizado e efetivado em 2010. Com a iniciativa do movimento cultural, o projeto tem como intuito valorizar e integrar o mercado à cidade de Macapá despertar interesse na cultura e tradições regionais, reunir a população e promover lazer através de eventos culturais como “O Samba do Mercado” que atraí visitantes e amantes da música popular brasileira e amapaense, disponibilizando espaço para antigos e novos talentos. O encontro ocorre uma vez por mês na primeira sexta feira de cada mês.

A associação também luta pela conservação, segurança, melhor condições de trabalho dos comerciantes e reforma na estrutura do local.

Em novembro de 2015, o Mercado entrou em reformas. Uma parceria da Prefeitura Municipal de Macapá com o Programa Calha Norte, do Governo Federal, que está financiando a obra com investimento de R\$ 2 milhões de reais.

Figura 17 – Espaço externo do projeto de reestruturação executado atualmente.



Fonte: Acervo Prof. Mestre Elizeu Corrêa.

A reestruturação que está sendo realizada na área, inclui ambientes internos e externos do prédio, troca da rede de esgoto e cobertura, seguindo as normas do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), visando melhores condições de trabalho para os funcionários e conforto para a população que frequenta o local.

Outro ponto relevante na obra é a construção de um segundo pavimento que resultará no ganho significativo de espaço. Os comerciantes que ocupam a área externa ganharão estabelecimentos com nova estrutura.

Essa reforma possui grande potencial para desenvolvimento turístico e econômico do mercado.

É possível observar que o entorno foi bastante modificado de uma forma positiva, valorizando visualmente o mercado, aproveitando melhor os espaços externos e configurando de maneira ordenada e harmônica a divisão entre o prédio do mercado e os pontos comerciais.

Figura 18 – Espaço interno do projeto de reestruturação executado atualmente.



Fonte: Acervo Prof. Mestre Elizeu Corrêa.

A imagem anterior ilustra o projeto que está sendo executado na área interna do mercado central, onde foi acrescentado um pavimento superior em estrutura metálica, melhorando o aproveitamento do espaço e tornando o mercado um lugar mais atrativo para a população.

A previsão de conclusão da obra estava prevista para o ano de 2016; período de desenvolvimento deste trabalho, no entanto, as obras prosseguem sem data precisa para término.

3 GESTÃO CULTURAL

3.1 Conceito

Partindo da fragmentação da expressão “Gestão Cultural”, começando pela palavra gestão, seu significado remete a uma espécie de sistematização ou administração direcionada ao ato de administrar uma empresa, órgão ou entidade social. Segundo Moutinho (2012, p.10):

A gestão é responsável pelo funcionamento das organizações através de tomada de decisões racionais e fundamentadas na recolha e tratamento de dados de informação relevante e, por essa via, contribui para o seu desenvolvimento, para a satisfação dos interesses de todos os seus colaboradores e proprietários e para a satisfação de necessidades da sociedade em geral ou de um grupo em particular.

Moutinho (2012, p.10) destaca também que a gestão e seus vários conceitos e ramificações dá grande ênfase à questão econômica como sendo primordial, mesmo que o resultado seja abundante e satisfatório em termos não econômicos, deve-se colocar a economia em primeiro lugar.

Outro significado relevante para gestão vem do professor e administrador Peter Drucker, considerado o mentor da administração moderna. Segundo Drucker (1994), citado por Moutinho (2012, p.11):

Gestão é uma atividade complexa, envolvendo a combinação e a coordenação de recursos humanos, físicos e financeiros, por forma a que se produzam bens ou serviços que sejam simultaneamente procurados e que possam ser oferecidos a um preço que possa ser pago, tornando ao mesmo tempo agradável e aceitável o ambiente de trabalho de todos os envolvidos.

Gestão é um conjunto de ideias, cada uma com sua particularidade e relevância, organizadas e executadas com o intuito de conquistar os interesses impostos pela empresa, órgão ou entidade social.

Já a palavra cultural caracteriza uma cultura. Todo conjunto de elementos pertencentes a um individuo, região, povo, localidade ou grupo de pessoas tais

como, costumes, sotaque, arte, crenças, comidas, música, constituem sua identidade cultural.

No entanto, esse conceito de cultura como conjunto de bens, formulou-se há pouco tempo. Diz Malanchen (2012):

[...] observamos que o conceito de cultura, nos últimos tempos, tem se tornado polissêmico. É utilizado para referir aos costumes e hábitos de um povo, as diferentes maneiras de expressão artística, a um modo da civilização ou aos saberes produzidos por um determinado grupo, criando assim diversos segmentos como, por exemplo: cultura da infância, cultura do homem do campo ou da cultura indígena, do surdo do cego, entre outros.

Começando pelo conceito primordial de cultura, seu significado refere-se à ação de cultivar a terra, ou seja, está ligada ao ato de o homem cuidar da natureza. Segundo Canedo (2009):

Até o século XVI, o termo era geralmente utilizado para referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com animais ou com o acréscimo da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada. A partir do final do século passado ganha destaque um sentido mais figurado de cultura e numa metáfora ao cuidado para o desenvolvimento agrícola, a palavra passa a designar também o esforço despendido para o desenvolvimento das faculdades humanas. Em consequência, as obras artísticas e as práticas que sustentam este desenvolvimento passam a representar a própria cultura.

A questão cultural e suas inúmeras formas de compreensão ocupam hoje um lugar de importância considerável em termos políticos e econômicos na sociedade, pois é um meio de preservar a história da existência da humanidade.

3.2 Implementação

A proposta detém a questão cultural que envolve a edificação como propósito para a intervenção arquitetônica e tem como meta alcançar melhorias para a infraestrutura da área e disseminar a cultura da região.

O projeto tem como objetivo principal promover a cultura na edificação, sendo assim, foi elaborado um projeto de gestão sistematizado de forma a efetivar a questão cultural na edificação. Para a realização dessa proposta foi realizado um

Programação cultural, onde serão introduzidos aspectos da cultura amapaense como danças, música, gastronomia e especiarias.

Os eventos culturais desenvolvidos para implementação da gestão cultural no mercado são:

- Festival gastronômico Água doce: será voltado para a culinária regional com diversidade de sabores, tendo como ingrediente principal o peixe de água doce. Serão abertas vagas para chefes e cozinheiros mostrarem seus dons culinários. A venda dos pratos será feita nas barracas dispostas na feira livre, na área externa do mercado. O evento acontecerá nas primeiras semanas dos meses de março e setembro.
- Feira Gastronômica Sabor da Amazônia: o evento será direcionado à culinária local, venda de pratos típicos preparados com temperos e especiarias da região amazônica tais como tacacá, maniçoba e vatapá. Serão abertas vagas para chefes e cozinheiros mostrarem seus dons culinários. A venda dos pratos será feita nas barracas dispostas na feira livre, na área externa do mercado. Será realizado semanalmente, às terças e sextas.
- Festival Musical Pororoca: o evento reunirá cantores e bandas locais. As apresentações acontecerão na área externa, praça que cerca o mercado onde será posicionado o “palco deck”. O festejo acontecerá duas vezes por ano, meses de janeiro e agosto. O intuito do evento é valorizar artistas locais e disseminá-los no Amapá.
- Festival Cultural do Mercado: o evento será voltado para manifestações artísticas tais como teatro, poesia, danças, com destaque para o marabaixo que é uma dança típica e símbolo da cultura do estado do Amapá. Ocorrerá mensalmente.
- Projeto Samba no Mercado: o evento acontece desde 2008, no mercado, na primeira sexta feira de cada mês. É realizado pela associação “Amigos do Mercado” e conta com shows de samba e pagode de artistas locais. É uma atração tradicional bem conhecida na cidade e abraçada pelas pessoas que frequentam o mercado.

- Feira Artesanal: A feira é direcionada a venda de produtos regionais, artesanato, souvenir, especiarias. Serão realizados nas barracas dispostas na área externa do mercado todos os domingos.

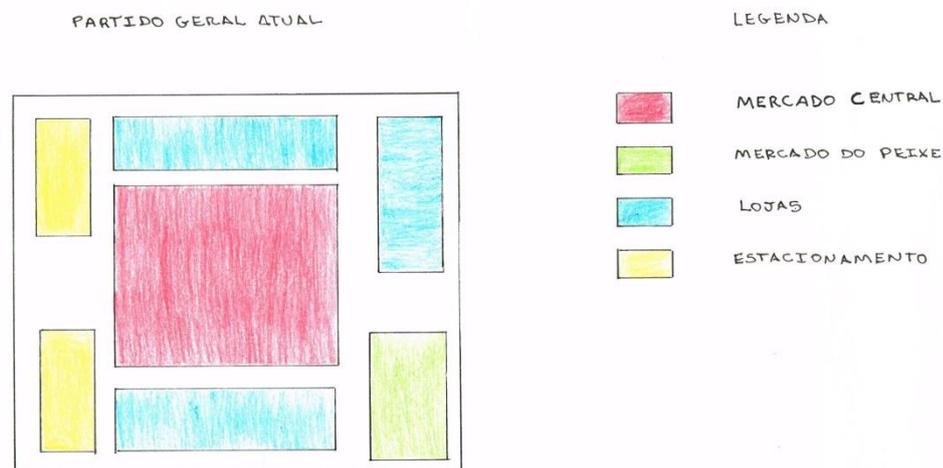
4 PROPOSTA ARQUITETÔNICA

4.1 Diagnóstico da área

O espaço que compõe a edificação em estudo possui área de 7067 m² é composto por estacionamento, mercado central, mercado do peixe e lojas irregulares.

O diagnóstico foi realizado através de levantamento físico, levantamento fotográfico, entrevistas, pesquisas relacionadas à edificação e época de construção. Onde foi possível detectar os pontos críticos que guiaram o desenvolvimento do presente trabalho. Assim, chegou-se a conclusão que a edificação sofreu diversas modificações em sua estrutura de 1960 a 2015, devido a esse fato, a proposta foi definida como forma de revitalização.

Figura 19 – Partido geral atual.



Fonte: A autora.

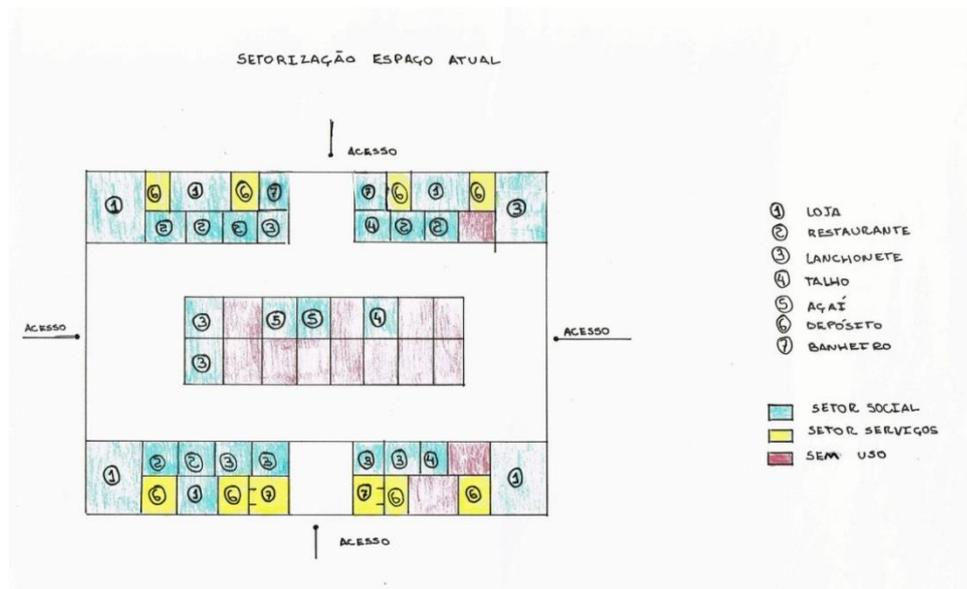
A desconexão entre o prédio do mercado e as construções improvisadas que se aglomeraram ao redor é perceptível. A ocupação desordenada do entorno além de abalar a estrutura do mercado causa considerável poluição visual na

paisagem, visto que, a área está localizada na frente da cidade e tem uma ligação direta com uma edificação tombada.

4.2 Solução arquitetônica

Com base na pesquisa realizada foi traçada uma proposta assente a cultura e história que o Mercado porta, uma revitalização através de gestão cultural, que implica em resgatar a identidade cultural amapaense e características enraizadas, promovendo eventos de incentivo e venda de produtos regionais de forma a criar uma conexão maior da população com o Mercado e assim conceder a ele o verdadeiro valor que representa para a história da cidade e preservar essa herança para a geração presente e futura.

Figura 20 – Setorização espaço atual.



Fonte: A autora.

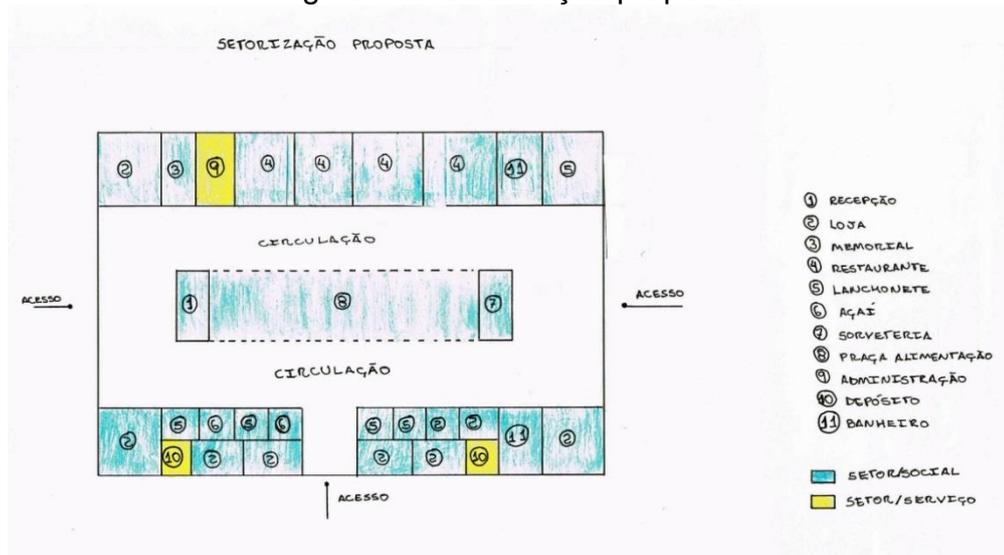
O estudo da setorização dos ambientes internos da edificação mostrou que há desorganização na divisão dos espaços que comportam os estabelecimentos.

Por exemplo, um restaurante possui 6,25 m² área insuficiente para manuseio de alimentos, o que pode acarretar em riscos de acidente de trabalho.

Outro ponto a ser mencionado, é a ausência de ventilação nas cozinhas, o que interfere negativamente no conforto térmico do mercado.

O objetivo principal deste projeto é a reorganização dos espaços internos e externos de maneira a abrigar praça de alimentação, restaurantes, lanchonetes, sorveteria, pontos de venda de açaí, lojas de artesanato, lojas de especiarias, souvenir, banheiros, balcão de atendimento, sala administrativa, memorial, estacionamento, praça arborizada com espaços para eventos de pequeno porte e feira livre.

Figura 21– Setorização proposta.



Fonte: A autora.

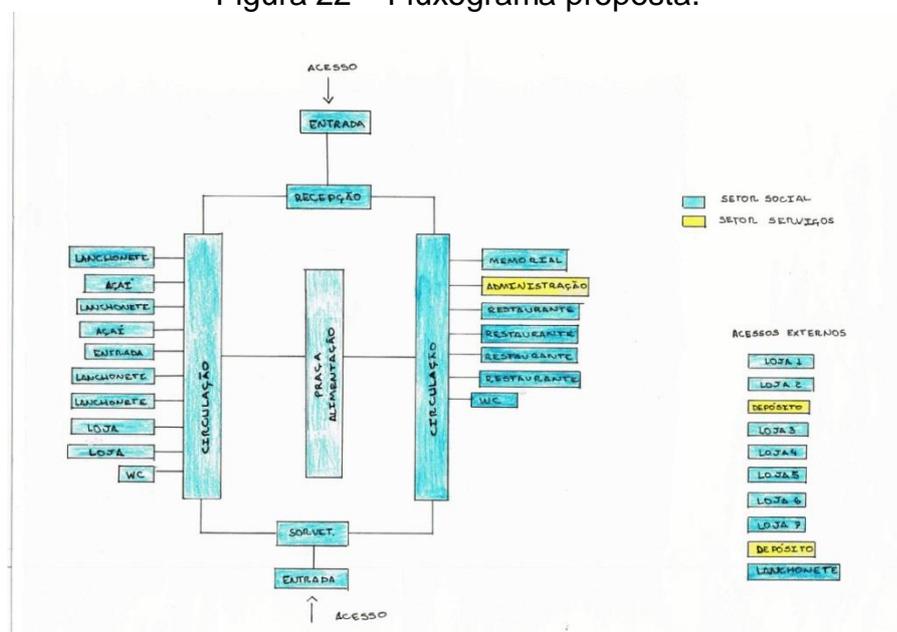
Os empreendimentos mais tradicionais do Mercado serão mantidos como o Bar Du Pedro, Salão Diplomata, sapataria, Aldemar Lanches e Cabana do Preto Velho.

Os ambientes foram distribuídos de maneira a favorecer a circulação e melhor conforto aos clientes e funcionários.

Através dos estudos do fluxograma, foram detectados pontos críticos que dificultam o funcionamento do mercado, são estes: os espaços direcionados a circulação de pessoas está sendo utilizado para abrigar as mesas e cadeiras dos restaurantes e lanchonetes, ocasionando tumulto e desconforto para os clientes e

visitantes; existem numerosos boxes sem uso, muitos deles não recebem a limpeza adequada e acabam atraindo insetos; boa parte dos estabelecimentos necessita de uma área maior para desenvolver seu trabalho com o mínimo de conforto e segurança, como foi citado anteriormente; os estabelecimentos comerciais, área externa, foram construídos de forma irregulares formando uma espécie de embaraço dificultando o acesso ao mercado; a área frontal da edificação é utilizada como estacionamento. A proposta apresenta soluções possíveis para melhoria das questões relacionadas a espaço e circulação.

Figura 22 – Fluxograma proposta.



Fonte: A autora.

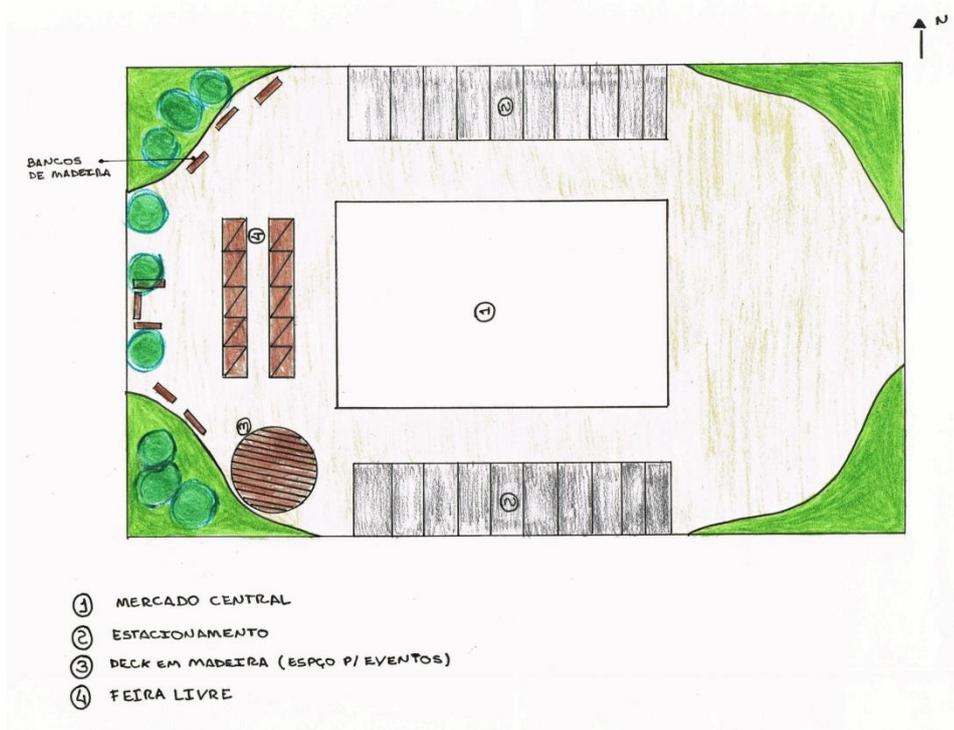
Considerando a recuperação da paisagem que envolve o mercado e a nova feição que ele irá incorporar, será proposto o remanejamento dos estabelecimentos comerciais irregulares e o mercado do peixe, que ocupam a área externa. O deslocamento será feito para locais que comportem o perfil adequado para o mesmo assim proporcionando melhorias para funcionamento das devidas atividades comerciais.

A proposta arquitetônica foi construída com base em estudos de mercados centrais e municipais; construções históricas de valor cultural; áreas de lazer livres como parques e praças públicas.

Para a edificação, o projeto buscou se inspirar nas características originais do mercado mantendo as que foram conservadas, como é o caso das fachadas principais. Em relação aos espaços, foram apresentadas soluções arquitetônicas que visam melhores condições de trabalho para proprietários dos estabelecimentos e conforto para os visitantes.

O traçado desenhado para a Praça Teodoro Mendes busca aproveitar e potencializar as características já existentes, fazendo uma conexão direta de áreas verdes com o Parque do forte. Seu objetivo principal é proporcionar lazer, aproveitando a amplitude do espaço para o desenvolvimento de atividades culturais. O paisagismo é caracterizado por arborização de médio porte na área oeste, devido à incidência maior do sol, e área norte e sul, onde foram posicionadas as vagas de estacionamento; na parte leste a vegetação é composta por plantas rasteiras, para evitar a poluição visual da fachada principal.

Figura 23 – Implantação no lote.



Fonte: A autora.

Na área frontal foram distribuídos pontos verdes com bancos de descanso, preservando o máximo a fachada da edificação. Os estacionamentos foram posicionados nas laterais do lote, onde estão as vias de menor fluxo o que

possivelmente trará melhorias no acesso ao mercado. O espaço traseiro do lote será composto por áreas de descanso com mobiliário adequado, estrutura móvel para eventos de pequeno porte, composta por um deck em madeira e cobertura em lona tensionada; uma feira livre composta por barracas direcionadas a venda de artesanato e comidas típicas, com a finalidade de suprir a demanda de restaurantes que foi reduzida.

4.2.1 Descrição dos ambientes

- Praça Teodoro Mendes: a área que envolve o Mercado será revitalizada e constituirá um ambiente arborizado, com iluminação apropriada, equipamentos urbanos adequados, áreas de convivência e paisagismo de modo harmônico proporcionando um ambiente agradável aos visitantes e pessoas que fazem parte do cotidiano do lugar;
- Estacionamento: posicionados nas laterais da edificação, nas avenidas Antônio Coelho de Carvalho e Henrique Galúcio, vias de menor fluxo, o que facilitará o acesso ao local;
- Espaço para eventos: posto na praça, em deck de madeira, será trabalhado de acordo com as normas de delimitação impostas pelo Iphan. Seu objetivo é compor a estrutura de eventos culturais de dança, expressões artísticas, musicais de pequeno porte, tudo que envolva arte e cultura e o tradicional Samba do mercado;
- Praça de alimentação: inserida em um espaço estratégico, direcionado a atender os clientes dos restaurantes e lanchonetes, será constituído de mobiliário adequado, de modo a favorecer a circulação;
- Restaurantes: 4 (quatro) estabelecimentos voltados para a culinária típica local, contendo cozinha adequada para a manipulação dos alimentos;
- Lanchonetes: 6 (seis) pontos destinados a venda de lanches rápidos da culinária típica local;
- Pontos de venda de açaí: 3 (três) pontos direcionados a comercialização de açaí, fruta regional que faz parte do cotidiano amapaense.

- Sorveteria: 1 (um) estabelecimento reservado para a venda de sorvetes de frutas regionais;
- Lojas: 6 (seis) estabelecimentos voltados para a venda de produtos regionais, souvenir, artesanato e especiarias;
- Memorial: espaço voltado para a preservação da memória do Mercado e cidade de Macapá, constituído de imagens, reportagens, documentos, objetos e relatos do povo que vivenciou essa trajetória, com a finalidade de transmitir aos visitantes, conhecimento histórico como uma viagem ao tempo;
- Feira: serão promovidas feiras em determinados dias da semana em barracas moveis dispostas na praça, para a venda de produtos regionais, especiarias, artesanato, eventos gastronômicos, musicais e culturais;
- Administração:1 (um) sala administrativa.

4.3 Remanejamento

Foram adotadas soluções adequadas para remanejamento dos trabalhadores do mercado do peixe e lojas que ocupam a área externa do mercado central, pois ambos não se encaixam no novo perfil proposto para a área.

O aglomerado de estabelecimentos comerciais que se formou ao redor do mercado causa poluição visual à paisagem. O mercado do peixe, construído como anexo do mercado central, encontra-se em péssimas condições estruturais e não configura a nova feição proposta para o lote.

Por conseguinte, foi possível encontrar saídas cabíveis para os dois pontos que serão retirados, com ênfase na preocupação em trazer progresso para ambos.

Para o mercado do peixe, a solução encontrada para remanejamento dos trabalhadores que somam atualmente 15 boxes em funcionamento, foi a relocação para o Mercado do Pescado Igarapé das Mulheres situado na Rua Beira Rio, no bairro Perpétuo Socorro, às margens do rio Amazonas.

O prédio que totaliza 3.400 m² é direcionado à venda de peixes, carnes e hortaliças. Esse espaço pode comportar confortavelmente os trabalhadores do mercado do peixe além de trazer melhores condições de trabalho visto à ótima infraestrutura que o local oferece. (SILVA, 2013)

Figura 24 – Mercado do Pescado Igarapé das Mulheres.



Fonte: João silva.

A solução encontrada para remanejamento das 32 lojas irregulares que se encontram na parte externa do mercado foi a relocação para o prédio Araras Center, localizado no centro comercial da cidade, na Avenida Padre Júlio.

Figura 25 – Prédio Araras Center.



Fonte: A autora.

O local que hoje se encontra desativado, é uma antiga galeria de lojas que possui estrutura capacitada para abrigar lojas desse gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado originou da necessidade em preservar o Mercado Central de Macapá, por meio de um plano que inicia a partir de sua condição estrutural e estética e estende-se até o estado cultural.

Foi essencial para a formação do conteúdo exposto a análise do projeto de reforma que está sendo realizada na edificação atualmente, isso enfatiza a ideia central de reconhecimento e importância em conserva-lo, mesmo as propostas de ambos sejam distintas.

Ao longo da pesquisa é evidente a contribuição da Fortaleza de São José de Macapá para a elaboração do objeto. A proposta foi norteadora pelas políticas e delimitações que protegem a edificação.

A deficiência na documentação, escrituras e material histórico sobre o mercado é visível, por isso, a base para a construção do conteúdo histórico foi realizada através de pesquisa de campo, levantamento fotográfico e estrutural e entrevistas.

É importante enfatizar que o mercado está situado na frente da cidade, em um perímetro caracterizado pela maior parte de construções antigas que formam o “centro histórico” de Macapá. A união desses fatores favorece o desenvolvimento turístico e econômico, no entanto, os entraves ocasionados por diversos aspectos como crescimento desenfreado, falta de planejamento e execução de políticas públicas, impossibilitou seu desenvolvimento.

Frente aos estudos realizados é notória a ausência de planejamento urbano da parte dos gestores, visto que, o município possui mecanismos norteadores para seu avanço, como exemplo o plano diretor de Macapá.

É diante dessa escassez que a proposta vem se encaixar, buscando ser aplicada como exemplo para outras construções desse perfil.

A proposta tem como intuito principal reestruturar a edificação através de soluções possíveis e fortalecer o projeto através da sistematização de práticas administrativas que estimulam a cultura.

Após a análise criteriosa do estudo apresentado observa-se que o mesmo é de grande relevância para o Mercado Central de Macapá, visto que, o público alvo carece de espaços de incentivam a cultura macapaense.

O ambiente que o mercado representa é a identidade cultural da região, onde se é capaz de absorver conhecimento sobre os costumes, culinária, música e história de uma forma completa. Assim, a proposta busca consolidar a conexão que já existe entre o mercado e o entorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAPÁ. Governo do Território Federal do Amapá: Plano Urbanístico da cidade de Macapá. Relatório – São Paulo: GRUNBILF do Brasil, 1960.

BEZZERA, Amiraldo. A margem esquerda do Amazonas: Macapá. Macapá – Premium editora 2008.

CORREIA, Telma. Art déco e indústria Brasil, décadas de 1930 e 1940. São Carlos – Escola de Engenharia de São Carlos – USP 2008.

CHOAY, François. A alegoria do patrimônio. Rio de Janeiro – Editora UNESP 2001.

CARVALHO, Bianca. Ver-o-peso em Belém do Pará: 384 anos de história e transformação urbana, 2011. Disponível em <<http://www.thegreenclub.com.br/urbanismo/ver-o-peso-em-belem-do-para-384-anos-de-historia-e-transformacao-urbana/>> Acesso em 3 de maio de 2016.

FUNARI, PELEGRINI. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro – Jorge Zahar editor 2006.

IPHAN, Dossiê – Macapá – Inventário de conhecimento de bens imóveis da cidade de Macapá/AP 2009.

IPHAN, Diário Oficial da União – Seção 1, Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura. Portaria nº 679, 23 de novembro de 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Primeiros resultados do censo demográfico 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 15 de maio de 2015.

LÁZARO, João. Mercado Central de Macapá, 2013. Disponível em <<http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/2010/04/mercado-central-de-macapa.html>> Acesso em 13 de abril de 2015.

MURILHA, SALGADO. A arquitetura dos mercados públicos tipos, modelos e referências projetuais, 2011. Disponível em <www.vitruvius.com.br/jornal> Acesso em 19 de maio de 2016.

MACAPÁ. Plano de desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá. Lei complementar nº 026/2004, 4 de fevereiro de 2004, que institui o plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental do município de Macapá. Macapá: Prefeitura Municipal, 2004.

MOUTINHO, Ticione. As mulheres executivas e seus estilos de gestão. Rio de Janeiro – Universidade Candido Mendes, Pós-graduação “ lato.Sensu” 2012.

MALACHEN, Julia. O conceito de cultura: Definição e compreensão a partir da teoria marxista. Foz do Iguaçu – Universidade do Oeste, 2012.

NERY, Luiz. Luiz Nery: Depoimento [Abril. 2015]. Entrevistador: Ítala Dias. Entrevista concedida para realização da pesquisa sobre o Mercado Central de Macapá no Amapá.

PRADO, Edi. Mercado Central: Um Odisséia no tempo – Jornal a Gazeta, Macapá, 3 de Agosto de 2008.

SANTOS, Elizeu. A Modernização do Centro Antigo de Macapá (1943/2005): Políticas públicas Desmemoriadas e Superficiais. Fortaleza – Universidade Estadual do Ceará, Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas 2010.

SILVA, João. Inauguração do Mercado do peixe do Perpétuo Socorro, 2013. Disponível em <<https://joaosilvaap.wordpress.com/2013/03/27/inaugurado-o-mercadao-do-peixe-no-perpetuo-socorro>> Acesso em 05 de janeiro de 2017.

TOSTES, José Alberto. Os conflitos no Amapá, 2014. Disponível em: <http://josealbertostes.blogspot.com.br/2014_07_10_archive.html?view=classic> Acesso em 15 de abril de 2016.

TOSTES, José Alberto. Projetos Urbanísticos Idealizados para a cidade de Macapá, fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://josealbertostes.blogspot.com.br/2017/02/projetos-urbanisticos-idealizados-para.html>> Acesso em 06 de fevereiro de 2017.

TOSTES. José Alberto. Existe ou não Planejamento Urbano para Macapá? Do território ao estado do Amapá, setembro de 2016. Disponível em:<<https://josealbertostes.blogspot.com.br/2016/09/existe-ou-nao-planejamento-urbano-para.html>> Acesso em 05 de fevereiro.

TEIXEIRA, Paulo. Fortaleza de São José de Macapá, ano VI n° 11. Editora Cultura.

YAMAMOTO, André. Reconstituindo o mercado público de Florianópolis, Santa Catarina – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

APÉNDICES

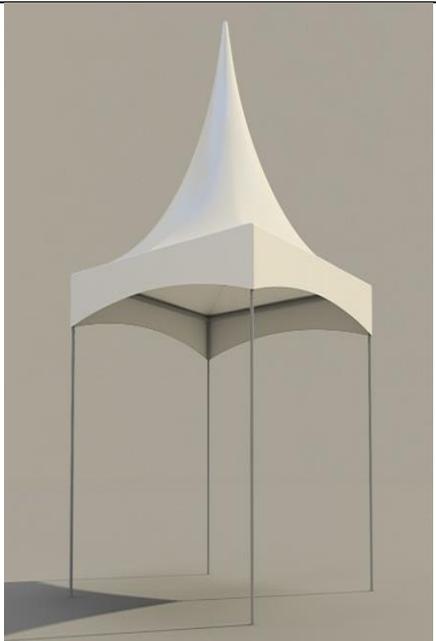
APÊNDICE A – Tabela de pré-dimensionamento

PRÉ-DIMENSIONAMENTO		
Setor	Ambiente	Área m ²
Social	Loja 1	9
	Loja 2	9
	Loja 3	9
	Loja 4	9
	Loja 5	9
	Loja 6	9
	Loja 7	27
	Loja 8	27
	Loja 9	27
	Sorveteria	8
	Restaurante 1	40
	Restaurante 2	40
	Restaurante 3	40
	Restaurante 4	40
	Lanchonete 1	27
	Lanchonete 2	6
	Lanchonete 4	6
	Lanchonete 5	6
	Lanchonete 6	6
	Lanchonete 7	6
	Recepção	8
	Memorial	9
	Praça de alimentação	99
	Banheiro	17
	Banheiro	17
	Circulação 1	72
Circulação 2	72	
Circulação 3	9	
Praça externa	5404	
Serviços		
	Depósito 1	15
	Depósito 2	15
	Administração	16
TOTAL		7048

APÊNDICE B – Tabela de especificações de mobiliário urbano.

ESPECIFICAÇÕES DE MOBILIÁRIO URBANO			
Mobiliário	Descrição	Custo	Produto
Bicicletário	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo bike park; • Marca Bleckman; • Dimensões 5.00 x 1.00; • Em aço inox; • Capacidade para 6 bikes; • Fixado ao chão por buchas e parafusos inclusos. 	314,00 reais.	
Poste de luz	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo poste branco texturizado; • Marca Femarte; • Possui difusor de vidro transparente temperado; • Quantidade de lâmpadas: 2 incandescente ou eletrônica; • Dimensões 0.12 x 5.00 m 	600,00 reais.	

Lixeira	<ul style="list-style-type: none"> • Lixeira de coleta seletiva • Marca Marau; • Dimensões 0.70 cm de altura por 0.50 de diâmetro. Capacidade para 94 litros; • Não propagam chamas (fogo); • Impermeáveis e laváveis; • Não absorve umidade; • Fácil limpeza; • Alta durabilidade; • Resiste ao tempo, sol, umidade; • Imune a cupins e fungos; • Fácil de furar; • Instalação simples e rápida; • Boa aparência e aderência 	239,00 reais.	
Banco	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo Banco de Jardim; • Marca ELLE(Bancos de Jardim); • Em madeira de lei e ferro; • Madeira tratada com polistem e verniz de qualidade; • Ferro pintado com Hammerite; • Solado dos pés de borracha vulcanizada; • Dimensões 5 x 2 x 150 cm. 	510,00 reais.	

<p>Ponto de ônibus</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ponto de ônibus sustentável; • Desenvolvido pelo Núcleo de Paisagismo Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF); • Estrutura em aço e pintura eletrostática. 100% reciclável; • Telhado verde que contribui para o conforto térmico; • Painéis fotovoltaicos para gerar energia para o funcionamento do ponto. 	<p>Entre 10.000 mil e 12.000 mil reais.</p>	
<p>Barracas e Tendas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Marca Tendas e Cia; • Modelo tensionada; • Estrutura e aço galvanizado; • Cobertura em lona termoplástica; • Cor branca; • Resistente a impacto; • Resistente aos raios UVA; • Impermeável; • Alta flexibilidade; • Dimensões: 6 x 6, 2 x 2, 1.70 x 1.70 m. 	<p>700,00 reais</p>	

Deck em madeira	<ul style="list-style-type: none">• Em tacos de madeira cumaru;• Três quadrados de deck intercalados;• Dimensões de 3 x 3 m e altura de 0.40 m ;• Madeira tratada com polistem e verniz de qualidade.	50,00 por m ²	
-----------------	--	--------------------------	--

APÊNDICE C – Memorial Descritivo

**MEMORIAL DESCRITIVO
MERCADO CENTRAL DE MACAPÁ**

1 DESCRIÇÃO DA OBRA (PARTIDO ARQUITETÔNICO)

A revitalização foi projetada num lote de 73,27 x 115,75 metros tomando-se como orientação do partido arquitetônico a necessidade de manter as características originais da edificação e reorganização de seus espaços internos e externos.

A construção ocupa apenas 990 m² do lote, o que permite o aproveitamento da área externa para implantação do estacionamento, praça, feira livre e estrutura para eventos. Os ambientes internos são compostos por: lojas, lanchonetes, restaurantes, administração, praça de alimentação, pontos de açaí, bar, salão de beleza, sorveteria e banheiros.

Algumas paredes serão construídas, seguindo a planta arquitetônica de intervenção, em alvenaria. As esquadrias seguirão o padrão das originais constituídas de madeira de lei lisa e vidro, pintura em tinta esmalte cor azul. A estrutura do telhado, composta de madeira, sofrerá pequenos reparos e as telhas existentes serão substituídas por telhas cerâmicas coloniais.

O terreno possui uma leve inclinação, de 0.70 cm, para o sentido oeste e será corrigido através de degraus e rampas onde se for necessário.

PROGRAMA DE NECESSIDADES				
SETOR ADMINISTRATIVO				
Item	Ambiente	Quantidade	Dimensão mínima (m)	Área m²
01	Sala administração	01	3 x 2	6,00
SETOR DE SERVIÇOS				
02	Banheiro	03	4 x 2.50	10,00
03	Estacionamento	02	40 x 17	680,00
SETOR LOGÍSTICO				
04	Loja	08	2.50 x 2.50	6,25
05	Salão/Barbearia	01	6 x 3	18,00
06	Barracas (feira livre)	10	1.70 x 1.70	2,90
SETOR ALIMENTÍCIO				
07	Restaurante	04	3.5 x 6.0	21,00
08	Lanchonete	06	3 x 3	9,00
09	Ponto de açaí	03	2 x 3	6,00
10	Bar	01	6 x 3	18,00
11	Barracas (feira livre)	10	2 x 2	4,00
SETOR ENTRETENIMENTO/LAZER				
12	Praça	01	70 x 30	2100,00
13	Palco deck	01	9 x 9	81,00
Total				

2 CONTEÚDO ARQUITETÔNICO

São apresentados os seguintes projetos:

- Planta baixa;
- Planta de implantação;
- Planta de levantamento;
- Planta de intervenção;
- Planta de layout;
- Planta de cobertura;
- Cortes;
- Fachadas;
- Detalhamentos.

3 ESTRUTURA E ACABAMENTOS

3.1 Alvenaria

Todas as alvenarias deverão obedecer as características descritas no projeto arquitetônico.

Os tijolos/ blocos cerâmicos deverão atender às especificações da NBR 7170 e 7171, principalmente.

Antes do assentamento os tijolos/blocos devem ser molhados adequadamente, nem excessivamente que se forme uma película superficial de água, nem insuficientemente que aqueles absorvam a água de amassamento da argamassa de assentamento (as duas situações são prejudiciais à aderência dos tijolos/blocos à argamassa).

As juntas deverão ter a espessura média de 1 cm, sendo niveladas horizontalmente; os panos resultantes deverão ser perfeitamente prumados.

A argamassa de assentamento será no traço 1:2:9 (cimento:cal:areia média), aceitando-se o uso de argamassa 1:8 (cimento:areia média) com aditivos químicos do tipo Sikanol S, na proporção sugerida pelo fabricante.

3.2 Vergas

Sobre os vãos de esquadrias com até 2.5 m, onde não houver viga, serão executadas vergas sobre a primeira fiada acima do vão. As vergas constarão de 3 barras de aço de 6,3mm de diâmetro, ultrapassando um mínimo de 50cm para cada lado do vão e argamassa no traço 1:3 (cimento:areia média). Em vãos maiores a verga será dimensionada como viga.

3.3 Revestimentos

Os banheiros e a cozinha terão as paredes revestidas com azulejos no modelo brilhante cor branco de 10 x 10 cm o rejunte deve ter espaçamento de 2,0 mm; as demais paredes serão em tinta acrílica cor branco exceto as paredes externas em tinta cal cor branco.

As paredes que receberão revestimento serão tratadas em quatro partes: chapisco, emboço, reboco e massa corrida.

3.4 Piso

Os banheiros receberão lajotas cerâmicas antiderrapante de 40 x 40 cm o rejunte deve ter espaçamento de 4,0 mm. Os demais ambientes serão em korodur polido de 100 x 100 cm com rejunte de 3,0 mm.

A área externa serão colocados blocos de concreto intertravado de 100 x 200 mm e altura de 6 mm.

O assentamento será feito preferencialmente com massa industrializada (argamassa colante), aplicada com desempenadeira ranhurada.

Em caso de uso de argamassa, a mesma será no traço 1:1:6 (cimento:cal:areia média).

O contrapiso em concreto simples, $f_{ck}=10\text{MPa}$, impermeabilizados em massa com espessura total de 0.9 cm e a superfície superior perfeitamente nivelada e desempenada.

3.5 Esquadrias

As esquadrias são especificadas em planta e detalhes do projeto arquitetônico.

O projeto possui três modelos de portas: porta em madeira de lei lisa e vidro temperado, porta em madeira de lei lisa e porta de enrolar em aço.

Os balancins são em madeira de lei e vidro temperado.

As portas e balancins em madeira receberão pintura em tinta esmalte cor azul.

As esquadrias não poderão apresentar empenamentos, descolamentos, rachaduras, lascas ou outros defeitos quaisquer que prejudique a estética ou desempenho em uso. Caso as esquadrias estejam com algum defeito serão realizados os devidos reparos.

3.5.1 Soleiras e rodapés

Serão em material igual ou similar ao piso empregado na dependência, exceto discriminação diferente, no projeto.

Quando em madeira, os rodapés serão aparafusados em buchas de nylon, com parafusos fendidos, de cabeça chata, ficando em baixo relevo, com relação à madeira, onde haverá o preenchimento com pó de madeira e cola branca.

As soleiras de portas, onde existirem, serão no material da dependência do lado oposto ao da abertura da porta. Em portas externas, terão inclinação de 10% ou mais, em direção ao exterior.

3.6 Cobertura

3.6.1 Estrutura

A estrutura em treliças de madeira de lei será mantida, feitos apenas pequenos reparos para fortalecer a estrutura.

3.6.2 Telhas

As telhas existentes serão substituídas por telhas cerâmicas tipo colonial de 40 x 21 cm e inclinação mínima de 35 % de inclinação.

3.6.3 Forro

Na área com pé direito de 5,46 m não haverá forro, apenas telha aparente. Nos demais ambientes serão colocadas placas de gesso acartonado de 2.00 x 1.20 m com espessura de 0.13 mm.

APÊNDICE D – Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Escala de Avaliação de qualidade de vida no trabalho dos funcionários do Mercado Central de Macapá.

MODELO DE QUESTIONÁRIO

Instruções: Este questionário é sobre como você se sente a respeito da sua **Qualidade de vida no trabalho**. Por favor, responda todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Estamos perguntando o quanto você está satisfeito (a), em relação a vários aspectos do seu trabalho. Escolha entre as alternativas abaixo e coloque um **x** na resposta que melhor represente sua opinião.

- 1) Dados pessoais:
 - Nome _____
 - Sexo Masculino Feminino
 - Idade _____
- 2) Há quanto tempo você trabalha no Mercado Central?

- 3) A edificação, em termos de infraestrutura, é satisfatória?
 Sim Não
- 4) Você se sente seguro (a) no seu local de trabalho?
 Sim Não
- 5) A relação entre você e seus colegas de trabalho é:
 Bom Regular Insatisfatória
- 6) Que tipo de atividade econômica você exerce no mercado?

- 7) A contribuição do poder público para o desenvolvimento do mercado é:
Bom Regular Insatisfatória

APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Por meio dos questionários aplicados aos funcionários do Mercado Central de Macapá, foi concluído que:

- 60% dos funcionários são do sexo feminino;
- 40% dos funcionários são do sexo masculino;
- 40% dos funcionários trabalham a mais de 10 anos no local;
- 80% dos funcionários estão insatisfeitos com a infraestrutura da edificação;
- 70% dos funcionários acreditam que a contribuição do poder público para o desenvolvimento do mercado é insatisfatória;
- 70% dos funcionários não se sente seguro em seu local de trabalho;
- 70% dos funcionários trabalham com o gênero alimentício;
- 30% dos funcionários trabalham com gêneros diversos: barbearia, sapataria, outros;
- 85% dos funcionários aprovam a revitalização no mercado que priorize melhores condições de trabalho.

Apêndices Projetos

APÊNDICE PRANCHA 01 – Planta Baixa

APÊNDICE PRANCHA 02 – Planta de Levantamento

APÊNDICE PRANCHA 03 – Planta Baixa de Intervenção

APÊNDICE PRANCHA 04 – Layout

APÊNDICE PRANCHA 05 – Planta Baixa de Implantação

APÊNDICE PRANCHA 06 – Planta de Cobertura

APÊNDICE PRANCHA 07 – Planta de Vegetação

APÊNDICE PRANCHA 08 – Planta de Situação e Locação

APÊNDICE PRANCHA 09 – Cortes A-A e B-B

APÊNDICE PRANCHA 10 – Elevações A-A e B-B

APÊNDICE PRANCHA 11 – Elevações C-C e D-D

APÊNDICE PRANCHA 12 – Detalhes

APÊNDICE PRANCHA 13 – Detalhes

APÊNDICE PRANCHA 14 – Detalhes

APÊNDICE PRANCHA 15 – Detalhamento Acessibilidade

APÊNDICE PRANCHA 16 – Detalhamento 3D

APÊNDICE PRANCHA 17 – Detalhamento 3D